



**V CONGRESSO  
IBERO-AMERICANO  
SOBRE O PENSAMENTO DE**

**PAUL RICOEUR**

**6,7,8 NOVEMBRO 2017**

## Caderno de Resumos

V Congresso Ibero-americano sobre o Pensamento de  
Paul Ricoeur – Hermenêutica e Ética

6, 7 e 8 de novembro de 2017

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Organizadores do Caderno:

Leonardo Marques Kussler

Luiz Rohden

Marcela Fossati Otero

São Leopoldo, RS, Brasil, 2017

## **Comissão organizadora do evento:**

Luiz Rohden

Walter Ferreira Salles

Fernando Luís do Nascimento

Camila Siqueira Freitas

Marcela Fossati Otero

Leonardo Marques Kussler

Apoio



---

C749 Congresso Ibero-americano sobre o Pensamento de Paul Ricoeur  
(5. : 2017 : São Leopoldo, RS)

Cadernos de Resumo do 5º Congresso Ibero-americano sobre o Pensamento de Paul Ricoeur : Hermenêutica e Ética, 06 a 08 de novembro, São Leopoldo, RS / Organizado por Leonardo Marques Kussler, Luiz Rohden e Marcela Fossati Otero. – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2017.

48 p.: il.

1. Filosofia. 2. Hermenêutica. 3. Ética. 4. Ricoeur, Paul.  
I. Kussler, Leonardo Marques. II. Rohden, Luiz. III. Otero, Marcela Fossati. IV. Título: Hermenêutica e ética.

CDU – 165.1

---

Bibliotecário Juliano de Lima Rodrigues CRB 10/1642

Capa: por ASIER

Preparação: Leonardo Marques Kussler e Marcela Fossati Otero

Diagramação e revisão final: Leonardo Marques Kussler e Marcela Fossati Otero

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS**

Av. Unisinos, 950

Bairro Cristo Rei — CEP: 93.022-000

São Leopoldo/RS — Fone: (51) 3591 1122

## APRESENTAÇÃO

**“Interpretar é explicar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto”.<sup>1</sup>**

A Hermenêutica e a Ética são duas dimensões da filosofia que ocuparam lugar de destaque e significativa atenção nas obras de Paul Ricoeur. Na sua trajetória intelectual, os textos sobre hermenêutica encontram-se presentes ao longo de sua extensa produção. O tema da Hermenêutica e seus vínculos com a Ética estampam-se nas reflexões de Ricoeur focadas, inicialmente, no símbolo, nos textos, passando pela ação e chegando ao si-mesmo. As reflexões hermenêuticas do autor abarcaram problemas éticos, tais como a questão do mal, da identidade pessoal, da responsabilidade, da ação e do reconhecimento mútuo. Nesta quinta edição do Congresso Ibero-americano, que aconteceu sob a coordenação geral do Prof. Dr. Luiz Rohden, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo (RS), nos dias 6, 7 e 8 de novembro de 2017, foi proposto, à comunidade nacional e internacional, o aprofundamento dos elos existentes entre a Hermenêutica e a Ética no âmbito da obra de Paul Ricoeur. Compuseram a realização desse encontro internacional a presença de reconhecidos estudiosos, que têm contribuído acadêmica e filosoficamente com as questões da hermenêutica e da ética. Além de palestras e sessões paralelas, foram idealizadas mesas-redondas dedicadas à discussão sobre a Pequena Ética (*Petite Éthique*) e às contribuições de Ricoeur no âmbito da hermenêutica.

O filósofo Paul Ricoeur é um dos mais importantes pensadores do século XX. Sua vasta obra filosófica abrange discussões sobre antropologia filosófica, narratividade, psicanálise, identidade pessoal e ética a partir de um diálogo com outras ciências humanas e com várias linhas filosóficas, como a hermenêutica, o existencialismo e a fenomenologia. No caso da hermenêutica, o caderno contempla também pontes com a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.

Essa abrangência fomenta uma grande comunidade acadêmica de várias áreas, como a filosofia, a teologia, as ciências sociais e a linguística. A vitalidade dessa comunidade foi verificada nos dois últimos encontros anuais que acontecem em Canterbury, Reino Unido, e em Lisboa, Portugal. Este último contou com a participação de mais de cem pesquisadores provenientes de mais de vinte países. Nesse fórum também foi identificada a necessidade de um encontro regional acadêmico de língua portuguesa e espanhola.

A partir dessa necessidade, foram planejados os primeiros encontros ibero-americanos em torno do pensamento de Paul Ricoeur. O primeiro deles

---

<sup>1</sup> Ricoeur, Paul. **Do Texto à Ação**. Porto: Rés, 1989, p. 121.

aconteceu em novembro de 2010, no México, e o segundo foi sediado no Brasil, na PUC-RJ, em novembro de 2011. O terceiro evento ocorreu, em 2013, em Santiago do Chile, na Universidade Alberto Hurtado e PUC-Chile. Em 2015, ocorreu a quarta edição do Congresso na Universidade de La Plata, Argentina. Este foi, portanto, o quinto encontro Ibero-Americano. Esses eventos contam com o apoio das duas maiores comunidades filosóficas em torno de Ricoeur: A Society for Ricoeur Studies e o Fonds Ricoeur.

Os resumos aqui apresentados refletem a participação de aproximadamente cem pesquisadores e professores de diversas áreas, especializados em trabalhos relacionados com a filosofia de Paul Ricoeur e com os eixos temáticos da hermenêutica e ética. As apresentações foram organizadas em quinze sessões paralelas, que contaram com comunicações de diversos países, entre eles Brasil, Colômbia, México, Argentina, Canadá, Portugal e Chile. Além das sessões paralelas, foram também organizadas quatro mesas-redondas temáticas com especialistas em subáreas da temática, que proporcionaram uma discussão mais aprofundada de alguns aspectos do pensamento ricoeuriano. Por fim, o Congresso foi agraciado com a presença de alguns dos maiores especialistas dos temas do Congresso, provenientes do Brasil, dos Estados Unidos e da França.

Com isso, o V Congresso Ibero-americano sobre o Pensamento de Paul Ricoeur – Hermenêutica e Ética foi um relevante marco para a continuidade e consolidação de um grupo de estudiosos latino-americanos em torno de linhas filosóficas extremamente profícuas. Tratou-se igualmente de uma oportunidade para a geração de novos vínculos de pesquisa entre os diversos programas de pós-graduação que estiveram representados neste evento.

Ao apresentarmos este caderno de resumos, agradecemos o apoio da Universidade do Vale do Rio Sinos, em especial do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Setor de Eventos da Universidade do Vale do Rio Sinos. Somos também especialmente gratos à Capes, que apoiou a realização do evento mediante concessão de auxílio pelo edital AOE 2017, sem o qual o evento não aconteceria. Um agradecimento aos monitores do evento, Guilherme Gutteres, Gabriel Schessof, Luciane Lindenmeyer, Gian de Carvalho e Marcela Otero

Os Organizadores

Luiz Rohden (presidente)

Fernando Nascimento

Walter Salles

Leonardo Kussler

Marcela Fossati Otero

## RESUMOS

Adriane da Silva Machado Möbbs

adrianemobbs@gmail.com

### PAUL RICOEUR: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES DA DIALÉTICA DE HEGEL

Trata-se de um estudo acerca da dialética de Paul Ricoeur, cujo objetivo central é apresentar os aspectos de distanciamento e aproximação entre a dialética ricoeuriana e a dialética de Hegel e dos hegelianos. Primeiramente, será apresentada a concepção dialética de Ricoeur, em um segundo momento, abordar-se-ão os aspectos de aproximação entre ambas as propostas dialéticas. Nesse sentido, apontam-se três aspectos: i) a dialética é necessária, pois, ii) ambos rejeitam a permanência na dicotomia não resolvida (ou no paradoxo), e, iii) para ambos, a dialética possui uma visão teleológica, visa um télos. Contudo, evidencia-se o fato de que embora nesses três aspectos a dialética de Ricoeur se aproxime da dialética de Hegel, cabe salientar que ela se distancia em pelo menos oito aspectos, que serão abordados oportunamente na segunda seção deste estudo. Por fim, destaca-se que a dialética, para o filósofo francês, não é compreendida apenas como um método, mas em um sentido mais amplo, a saber: no sentido antropológico, como ação humana. Em resposta, a dialética hegeliana que é abstrata e cujo ser que ela compreende é vazio, Ricoeur propõe uma dialética baseada na “concretude da vida humana”, cujo sujeito não é um ser vazio, ao contrário, é o homem, que sofre situações-limite, no conflito entre o bem e o mal, sujeito ao um servo-arbítrio e que muitas vezes tem de escolher entre o mal e o pior. Portanto, a dialética proposta por Ricoeur opera entre a impossibilidade e a dificuldade, a saber: a impossibilidade de uma mediação total (como pretendeu Hegel) e a dificuldade do existir, já que está inscrita na práxis (realidade humana). É a mediação imperfeita que nos permite sair do conflito, oferecendo uma solução situada na realidade humana e não apenas na reflexão especulativa.

Alejandra Bertucci

alejantucci@gmail.com

### FENOMENOLOGÍA Y EXISTENCIALISMO EN LO VOLUNTARIO Y LO INVOLUNTARIO

En 1950 Ricoeur presenta dos obras que forman parte de su tesis de doctorado la traducción al francés de Ideas I de Husserl y el primer tomo de la Filosofía de la voluntad: Lo voluntario y lo involuntario. La traducción de Ideas I recibió mucha atención en su momento y con ella Ricoeur se consolida como un referente,

llegando a ser considerado el más informado historiador francés de la fenomenología. La publicación de *Lo Voluntario y lo involuntario* no generó mucho impacto, hubo que esperar hasta la publicación del segundo tomo en 1960 para que Ricoeur recibiera críticas significativas. Más allá de las diferencias en su recepción, en su gestación ambas obras están íntimamente unidas. El tomo I de la *Filosofía de la voluntad* tiene un doble propósito; por una parte, demostrar la validez del método eidético desarrollado por Husserl a un orden de lo humano al que éste no le prestó atención y, al mismo tiempo, marcar los límites y limitaciones que Ricoeur cree encontrar en la versión husserliana de la fenomenología, en particular la “caída” en el idealismo que inauguraría *Ideas I*. El problema de los límites y limitaciones de la fenomenología es una constante en la obra de Ricoeur lo que variará será el modo en que intentará superar esos límites y limitaciones. Si a partir de 1960 la salida estará en la hermenéutica, en el periodo de *Lo Voluntario y lo involuntario* la respuesta está en la fenomenología existencial. En el presente trabajo nos vamos a concentrar en el modo que Ricoeur se posiciona con respecto a Husserl en este primer periodo de la *Filosofía de la voluntad* tomando como referencia lo que Ricoeur mismo llama “Fenomenología existencial”.

Alessandro Pimenta

ar\_pimenta@hotmail.com

ASPECTOS ÉTICOS DA TRADUÇÃO EM RICOEUR

Investigam-se os aspectos éticos, especialmente reconhecimento e alteridade, a partir da compreensão da tradução segundo a reflexão filosófica de Ricoeur. Tal conceito ultrapassa uma concepção puramente formal de linguagem. A tradução perpassa o campo ético como possibilidade de abertura ao outro. Trata-se de uma hospitalidade linguística. Há uma unidade e uma progressão desta na obra de Ricoeur. É possível encontrar uma progressão da unidade em três paradigmas, a saber, símbolo, texto e tradução. A tradução implica uma pluralidade da experiência humana em suas mais variadas expressões. A temporalidade do surgimento dessa inovação semântica no pensamento de Paul Ricoeur data da final da década de 60 do séc. XX. Nesse contexto de inovação semântica, acentua-se o diálogo entre Ricoeur e Derrida. A compreensão, aqui, de tradução, *transducere*, é ir além, a um outro campo. Seria, então, a passagem de sentidos de um plano a outro, em contextos heterogêneos. Por isso, a tradução é uma abertura para alteridade, para a estrangeiridade, na linguagem de Derrida para a *différance*. É a linguagem com sua finitude que está em jogo, mas no contexto do *homo capax*. Falar de tradução é, ir além de uma concepção de tradutologia, é ir além de limitações que, por um lado, não aceitam a possibilidade de traduzir e, por outro lado, tendem à tentação de traduções

perfeitas, em línguas diferentes ou em uma mesma língua. A compreensão da tradução deve ir no sentido de uma tarefa interminável, de uma tarefa com perspectivas éticas. Assim, conceitos como estrangeiro, si-mesmo e hospitalidade emergem. Note-se que em *Percurso do Reconhecimento*, Ricoeur nos fala da superação do desafio de Hobbes que, aqui, é a luta de superação da aniquilação do outro. Ao tratar dos sentidos de reconhecimento em Ricoeur, nota-se que esse conceito vai de uma identificação ao reconhecimento como gratuidade. A tradução se constitui como um esforço de superação do desafio de Hobbes. É o homo capax que, em sua finitude, permite-se hospitalidade linguística e hospitalidade do outro. A hostilidade, portanto, é convertida em hospitalidade.

Allan Josué Vieira

allanjvieira@hotmail.com

RICOEUR SOBRE A INTERSUBJETIVIDADE EM HUSSERL:

AS DIFICULDADES DE UMA FENOMENOLOGIA DO OUTRO

A proposta de estudo ora apresentada visa abordar as observações de Ricoeur a respeito do relato husserliano da Quinta Meditação Cartesiana, especialmente a partir do famoso escrito *Simpatia e respeito: fenomenologia e ética da segunda pessoa*. Nesse texto, Ricoeur coloca em jogo a própria universalidade do método fenomenológico, uma vez que este não seria capaz, nos moldes apresentados por Husserl, de dar conta da experiência intersubjetiva, já que estaria inelutavelmente preso ao paradigma da constituição transcendental da coisa (Ding). Tal modo de conceber a presença do outro apareceria, então, com toda clareza, no expediente metódico husserliano da redução à esfera primordial, àquilo que é mais próprio ao ego, abstração feita do contexto intersubjetivo. A tentativa de extrair do próprio ego assim reduzido a existência do outro marcaria, para Ricoeur, uma decepção da fenomenologia do outro. Para Ricoeur, o outro se faz presente numa posição absoluta de seu ser, que é originariamente ética, e não teórico-cognoscitiva. A partir da crítica ricoeuriana, o que pretendemos explorar é outra interpretação da redução à esfera primordial que a mostre não como a ponta mais aguda da tentativa husserliana de derivar tudo do ego monádico, mas como a confissão sincera da necessidade de uma reestruturação intersubjetiva da filosofia fenomenológica-transcendental a partir da constatação do caráter fundante da relação intersubjetiva. Entretanto, mesmo sob essa nova perspectiva, gostaríamos de questionar se as aporias internas da fenomenologia do outro não seriam, assim, potencializadas, colocando em jogo a própria ideia de filosofia concebida por Husserl, que denota a primazia de uma teoria do conhecimento, e se isso não reflete algo já apontado por Ricoeur em seu *Estudo sobre as Meditações cartesianas*, no qual o filósofo francês insinua o fundamento de tais dificuldades: a necessidade husserliana de erigir uma

epistemologia apoiada apenas sobre si mesma, ou seja, uma egologia sem ontologia.

Anaïd Mouratian

mouratian.anaid@gmail.com

## DE LA BONNE DISTANCE: UNE HERMÉNEUTIQUE DE LA PROXIMITÉ AVEC PAUL RICOEUR

La proximité pourrait être définie comme relation et état, qualité d'une relation qui relie deux individus. Pourtant, mon proche n'est pas seulement déterminé par des liens électifs qui prendraient place dans la vie privée d'un individu, qui choisirait ses amis et tomberait amoureux, etc. La proximité désigne la manière dont j'étais et je crée un lien d'intimité avec un autre individu, mais cette notion se rattache aussi à un appel politique à la cohésion sociale dans nos sociétés contemporaines. La relation particulière réservée au domaine privé qui fait d'un individu un être particulier pour moi est en même temps transposée dans le domaine public comme ceux desquels je dois ou peux partager les valeurs, ceux avec lesquels nous vivons au quotidien sans le savoir, ceux avec qui j'entretiens des « relations longues » comme l'a soulevé Ricoeur. La proximité est aussi dans le domaine public et soulève des enjeux éthiques majeurs. Sur le chemin d'une herméneutique de la proximité se pose la question éthique chez Paul Ricoeur. Au cœur de notre recherche, il est ici un pivot crucial. L'enjeu sera alors de jeter un regard de temporalisation de la proximité grâce à Ricoeur, et grâce à ce triptyque : mémoire, récit et utopie dans lequel se joue le « temps de la proximité ». Cette perspective ne peut toutefois être ouverte sans en avoir défini les critères méthodologiques et herméneutiques de manière rigoureuse. Ricoeur décrit la proximité comme un rapport dynamique, sans cesse en mouvement entre le se sentir proche (pathos) et le se rendre proche (praxis). Entre le pathos et la praxis de la proximité se joue la tension propre à la proximité comme thème philosophique, comme « œuvre ouverte ». Le texte de Paul Ricoeur "L'action sensée considérée comme un texte" extrait de *Du texte à l'action*, Essais d'herméneutique publié en 1986 permet d'engager une réflexion méthodologique sur la possibilité d'impliquer l'herméneutique dans le champ des sciences sociales. Il est dès lors possible de déterminer les conditions que l'herméneutique doit remplir pour traiter du domaine de l'action et de l'acte de se rendre proche, de la praxis de la proximité. Au croisement donc entre philosophie herméneutique et méthodologie des sciences sociales, la proximité relève bien d'un renouvellement des interrogations méthodologiques. A partir d'interrogations et d'études en sciences sociales contemporaines traitant de la proximité, nous allons proposer la lecture ricoeurienne de l'herméneutique de

l'action, en en définissant ses contours méthodologiques et ses présupposés philosophiques pour penser philosophiquement la notion de proximité.

Beatriz Eugenia Orozco Celis

b\_orozco\_celis@hotmail.com

EL PERDÓN IMPOSIBLE EN “¡DILES QUE NO ME MATEN!” DE JUAN RULFO, SEGÚN LOS POSTULADOS DE PAUL RICOEUR

En este trabajo pretendo, a partir de los postulados sobre el perdón propuestos por Paul Ricoeur en el epílogo de su obra: La memoria, la historia y el olvido, analizar un cuento de Juan Rulfo en el que se plantea la disyuntiva entre la venganza y el perdón. En dicho análisis busco mostrar que en la poética de Rulfo es imposible la resolución de conflictos mediante el perdón, tal como lo formula Ricoeur en el epílogo de su obra: La memoria, la historia y el olvido. Ricoeur, a partir del proceso para la ecuación del perdón, postula una distancia insondable, una desproporción entre la profundidad de la falta y la altura del perdón que genera una paradoja, ya que mediante el arrepentimiento se desliga al agente de su acto. Para salvar esa distancia Ricoeur reconsidera el perdón como una economía del don y propugna que la ecuación del perdón, se resuelve en el plano de la ipseidad, de la alteridad de un acto que es fundamentalmente una relación, entre el que suplica: “-Te pido perdón”. Y el que responde generosamente: “-Te perdono”. Estos dos actos de discurso hacen lo que dicen: se confiesa realmente la falta; la falta es perdonada realmente. Ricoeur relaciona el perdón con la promesa: el perdón nos desataría, la promesa nos ataría. Pero el perdón tiene un aura religiosa que no posee la promesa: no se trata de una transacción sino de un don, sustentado en la dignidad de la persona humana, que como dice Ricoeur se traduce en la enunciación: “vales más que tus actos”.

Bianca Pereira da Silva

bianca\_pdasilva@ymail.com

IDENTIDADE NARRATIVA E A MORTE DA ARTE DE NARRAR

Hegel anunciara, em seus Cursos de Estética, uma mudança no estado da arte. Antes, a arte era demonstração do divino e respondia aos anseios do ser humano. Entretanto, a relação com as obras de arte se altera e passa a ser reflexiva. Posteriormente, essa mudança entre relação artística e humano foi entendida como “morte da arte” e retomada por diversos autores. Um desses autores é Walter Benjamin, que anunciou, em “O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov”, o fim da arte de narrar. Essa arte estaria findando porque nós não sabemos mais contar histórias. Nossa habilidade de trocar experiências através de narrativas orais foi abalada devido às novas formas de comunicação. A

primeira delas é o romance, que, com seu método de criação e leitura solitárias, não influenciaria na experiência coletiva. A segunda, e mais destrutiva, seria a informação, que só vale no momento em que é comunicada, e aniquilaria de vez a essência da narrativa oral. E se não narramos mais histórias, não narramos a nós mesmos. Paul Ricoeur, que defende fortemente a narrativa como mediação entre o mundo e quem nós somos, tenta responder a esse problema, principalmente, em *Tempo e Narrativa II*. Nessa obra, afirma que os paradigmas das formas narrativas podem se modificar, mas que isso não significa o fim da arte narrativa. Hoje, portanto, vemos novas “mortes da arte”. Várias formas de comunicação surgindo e, algumas, eclipsando, inclusive, o romance, uma das formas narrativas, por excelência, para Ricoeur. Logo, com essas alterações bruscas, ainda seria possível uma identidade narrativa? É possível pensar em uma identidade narrativa mesmo com o fim da arte de narrar? Como pensar em uma identidade narrativa em um contexto totalmente mutável? Estaríamos caminhando para o fim da identidade narrativa?

Bruna Natália Richter

brunataliarichter@gmail.com

A INTERPRETAÇÃO DE PAUL RICOEUR SOBRE A TEMPORALIDADE E ETERNIDADE DE AGOSTINHO

Esta contribuição pretende abordar sobre o contraste entre tempo e eternidade, assim como sua conexão com a perspectiva do verbo interior. Desde a perspectiva que relaciona a filosofia medieval de Agostinho sobre a temporalidade e o verbo interior e a dialética entre tempo e narrativa na análise de Paul Ricoeur. Pretende-se avaliar a crítica dirigida contra a dialética encontrada por Ricoeur nos conceitos agostinianos de *intentio* e *distentio*, atividade e passividade, unidade e multiplicidade, não obstante, examinar a pertinência da crítica dirigida contra Ricoeur no que toca à solução narrativa ao paradoxo agostiniano da medida do tempo da alma. A tese a ser defendida tenciona apontar os aspectos em que a retomada da teoria do verbo interior por Ricoeur transforma o círculo hermenêutico (de Gadamer) em espiral dialética, assim como também demarca as soluções e ideias que Plotino apresenta a partir dos conceitos de temporalidade e eternidade, unidade e multiplicidade. Dessa maneira, apresentar aquele sentido restrito à consciência interna do tempo, ou seja, o movimento de distensão e intenção que se desloca entre a memória, a atenção e a expectativa, e, em segundo lugar, tratar a questão da eternidade como um limite externo, um outro do tempo, que tem como função estabelecer o contraste com as experiências internas do tempo, provocando uma hierarquização interior da própria experiência temporal.

Claudiane Carvalho e Giovandro Ferreira  
caoliveira@yahoo.com.br

## A CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO: UM ESTUDO PELO VIÉS DAS ABORDAGENS HERDEIRAS DE RICOEUR

Este artigo propõe abordar a configuração do acontecimento jornalístico, a partir do círculo hermenêutico de Ricoeur, o qual possibilita compreender o acontecimento a partir de dois polos: antes da configuração, por um lado, e configurado, por outro lado. Em outros termos, estamos abarcando a relação entre o mundo fenomenal e o empenho para a construção do sentido por parte do(s) sujeito(s) enunciator(es). Nesse aspecto, o acontecimento é sempre uma construção, é o resultado do processo evenemencial. Portanto, o que nos interessa não é o acontecimento como tal, mas o seu processo de configuração, marcado pela modificação do mundo e pela percepção desta pelos sujeitos, que a inscrevem numa rede coerente de significações sociais. Para tanto, articulamos a Análise de Discurso sociodiscursiva à hermenêutica ricoeurina, a fim de suplantarmos o círculo semiológico e envolver os aspectos sociais, históricos e culturais do processo configurativo. Quanto aos aspectos atinentes ao jornalismo, trazemos, à tona, autores do campo herdeiros dos estudos de Ricoeur.

Cristina A. Viana Meireles  
cristina.viana@ichca.ufal.br

## MAL E CONSCIÊNCIA DE SI: RESSONÂNCIAS NABERTIANAS NO PENSAMENTO DE RICOEUR

“O intolerável não é o injustificável”, escreve Ricoeur, em 1992, por ocasião de uma releitura do texto que ele escrevera, em 1959, sobre a obra *l’Essai sur le mal*. Essa afirmação será o eixo da comunicação que propomos, a qual é animada pelo desejo de buscar esclarecer por que a conceituação do mal, em Ricoeur, é uma passagem incontornável para compreender a sua noção de consciência de si. Nosso ponto de partida será a noção nabertiana de injustificável, tal como apresentada em sua última obra editada em vida, e em conformidade com as análises de Ricoeur sobre essa ideia. O injustificável interessa aos estudos ricoeurianos sobre o mal porque ele é um tipo de mal que, mesmo causando notável sofrimento, não pode ser explicado pelo recurso à moralidade: o injustificável surge do desacordo fundamental que existe entre os anseios humanos e a estrutura do mundo. Mas, além disso – e esse ponto nos interessa enormemente –, o injustificável só recebe esse nome quando a consciência daquele que sofre é afetada de uma maneira peculiar. Tal afetação é a conscientização de que aquele desacordo fundamental entre homem e mundo existe também em nós, aos moldes de uma cisão. Nabert explora a relação entre

injustificável e cisão da consciência nos dois capítulos centrais de l'Essai sur le mal, que versam sobre o pecado e a secessão das consciências. Levantaremos a hipótese de que essa cisão será, mais tarde, tematizada por Ricoeur à luz da ideia de alteridade: o desacordo entre consciência pura e consciência impura na análise nabertiana do pecado parece reverberar na ideia ricoeuriana de um cogito interiormente partido; semelhantemente, o desacordo enxergado por Nabert entre unidade universal e particularidades individuais parece reverberar na compreensão ricoeuriana das relações de reciprocidade entre o si e outrem.

Cristina Bustamante Escobar

cwbustam@gmail.com

## EL APORTE DE RICCEUR A LA TEOLOGÍA MORAL DESDE EL CONCEPTO DE SUJETO E IMAGINACIÓN

La hermenéutica de Ricœur, en ciertos aspectos, puede aún ser un terreno tan fértil como inexplorado por la teología. El presente trabajo pretende abordar uno de estos aspectos, a saber, la cuestión del sujeto y la imaginación, aludiendo a su impacto en la recepción de estas temáticas en la Teología Moral. Ricœur realiza una profunda crítica al concepto de cogito cartesiano y propone una salida a las aporías de la modernidad, especialmente referidas al sujeto y la razón fundante. Su propuesta, acoge el dato del sujeto y la modernidad herida, mostrando la alternativa de una autocomprensión de sí abierta a la alteridad desde la dimensión poético imaginativa de dicho sujeto. Esta Antropología Teológica ¿a sido recibida en la teología actual? ¿por quienes? ¿qué aporías y dificultades al interior de la propia disciplina teológica se pueden resolver gracias a estas nociones? Nos detenemos en Alain Thomasset, teólogo moralista, que recepciona estas nociones desde el campo que le es propio para intentar pensar temas actuales en su disciplina. Básicamente su desafío consiste en repensar los temas de la moral desde las exigencias de la cultura y las disputas internas de esta rama de la teología. De este modo, retomando la Antropología Filosófica de Ricœur, este autor recoge las nociones ricoeurinas de sujeto e imaginación y propone una moral que integra la dimensión de la poética bíblica en el seno de las convicciones de los sujetos. Dicha antropología tiene la ventaja de hacer dialogar la perspectiva universal con lo particular de las tradiciones que, en este caso, es el aporte específico del mundo bíblico. Por otro lado, es capaz de resolver las críticas de la modernidad gracias a la integración, en su reflexión, de las exigencias de autonomía, de una moral adulta, opuesta a la heteronomía de una ley meramente externa.

Diego Amaral

diegoamaral000@gmail.com

## POR UMA DIALÉTICA DA IDENTIDADE EM PAUL RICOEUR

No presente trabalho, pretendemos problematizar a noção de “identidade narrativa”, proposta por Ricoeur, à luz da teoria adorniana da dialética negativa. Nesse sentido, argumentaremos que a noção de uma identidade dinâmica, construída narrativamente como interpretação do eu no tempo, proposta por Ricoeur, demanda uma relação negativa entre o sujeito e o mundo. De forma mais específica, pretendemos defender a noção de dialética negativa como componente necessário à interpretação narrativa do eu e, igualmente, a importância dessa assumpção para formulações alternativas à normatização da identidade na contemporaneidade. Para tanto, exploraremos a dissociação realizada por Ricoeur entre as noções de identidade enquanto mesmidade (*idem*) e identidade enquanto si-mesmo (*ipse*). Na diferenciação entre os termos é possível verificar a influência da filosofia de Heidegger em Ricoeur, que leva este último a defender a identidade como não igual, una, e sim mutável (narrativamente) no tempo. A fim de explorar tal questão, defenderemos a necessidade de um paralelo entre o conceito proposto por Ricoeur e a leitura da dialética em Adorno. Afinal, a identidade do “si mesmo” é, em última instância, a identidade diferenciada de si mesma no curso do tempo. A partir da relação entre a filosofia de Adorno e Ricoeur, pretendemos expor a importância de um conceito identidade baseado na experiência do sujeito e sua relação com o mundo, em detrimento de uma noção normativa da identidade que possui como referência os lugares onde se situa o poder hegemônico. Conforme Adorno, é necessário reconhecer o não conceitual como constitutivo, abdicando da idealização do conceito enquanto “unidade de sentido”. Defenderemos, então, uma guinada em direção ao não conceitual na interpretação do trabalho de Ricoeur, de modo a permitir uma melhor compreensão da mobilidade da identidade proposta por este último.

Diogo Tognolo Rocha e Felipe Borges

[felipelsborges@gmail.com](mailto:felipelsborges@gmail.com)

SOB OS SIGNOS DOS TRÊS: RASTRO E TEMPORALIDADE EM SÉRIES CRIMINAIS DE TELEVISÃO

Tomando como objeto de análise a tessitura da intriga em séries de investigação, o trabalho tem como objetivo discutir a dimensão do rastro na configuração narrativa, chamando atenção para dinâmicas temporais abordadas por Paul Ricoeur. Pensamos o rastro como uma marca do que aconteceu e que permanece obscuro, a única conexão com um passado que não mais existe, mas cujos efeitos ainda podem ser sentidos. Trata-se de entendê-lo como uma dimensão privilegiada para se “acessar” uma realidade finda, porém, reveladora.

A partir de Ricoeur, em *Tempo e Narrativa*, buscamos discutir uma das aporias levantadas pelo rastro: como algo que não mais é pode permanecer vivo? Traçando um paralelo com o trabalho do historiador – conforme posto por Ricoeur – e a atuação dos detetives – como mostrado nas séries criminais de televisão –, discutiremos de que maneira o paradoxo do rastro suscita dificuldades e possibilidades, destacando a abertura de sentidos apontada por Ricoeur. Para isso, iremos pensar como os signos do Mesmo, do Outro e do Análogo nos permitem observar de que modos os detetives de séries criminais contemporâneas trabalham com as dimensões de passado, presente e futuro. Nosso percurso envolve séries diversas, como *True Detective*, *CSI: Crime Scene Investigation*, *Luther*, *Top Of The Lake*, *The Killing* e *How To Get Away With Murder*, para analisar como o rastro atua na dimensão temporal dessas produções, na criação de seus personagens e no estabelecimento de um elo entre detetive e criminoso – tendo como perspectiva o desvelamento de uma verdade e a descoberta de um culpado.

Elton Moreira Quadros

eltonquadros@gmail.com

A IDENTIDADE NARRATIVA E A IMPUTABILIDADE A PARTIR DE  
RICOEUR

Intencionamos problematizar a questão posta por Ricoeur sobre a relação entre identidade narrativa e imputabilidade. Essa discussão, proposta pelo filósofo francês, nos leva a abordar outras categorias, como reconhecimento de si, que visa o percurso realizado pelo homem em direção à identidade, compreendida não como algo fixo, mas num entendimento da subjetividade como narrativa na duração. O homem capaz que caracteriza as capacidades humanas, como: “falar”, “agir” e “ser responsabilizado”, entre outros, e a dialética memória-promessa, que mostra a relação entre o passado/lembrança que está ligado ao papel da testemunha e a promessa que só pode ser cumprida por alguém que é responsável. Assim, podemos pensar a Ipseidade, entendida como aquilo que singulariza a pessoa, quer na questão da linguagem, da ação, da narrativa e da relação com o mundo e, por outro lado, a Mesmidade que nos coloca em referência aquilo que os outros nos posicionam, quer em relação ao modo como sou referido ou de quais lugares ocupo, mas que, ao mesmo tempo, não são necessariamente aquilo que me constitui num processo de reconhecimento. Será nesse âmbito que poderemos pensar sobre uma identidade pessoal entendida como uma identidade narrativa. Visamos compreender como se dá o processo do homem ser capaz de imputar-se e ser imputado, portanto, ser responsável do ponto de vista ético-jurídico. As incertezas, as obscuridades da existência e as próprias vicissitudes, na duração da vida, estão sempre e de novo em busca de

uma configuração narrativa. No âmbito da intimidade da subjetividade, quando colocamos em movimento a identidade narrativa, já estamos no espaço de uma discussão pública. Vamos refletir sobre essas questões e seus entrelaçamentos tendo em vista que esses temas podem nos conduzir para o pensamento que reflete sobre o sujeito de direito (e deveres) e, por consequência, na necessária constituição dos Direitos.

Emerson de Lima Pinto

ersonlp@terra.com.br

OS CAMINHOS DO DIÁLOGO NA COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO:  
APROXIMAÇÕES HERMENÊUTICAS ENTRE GADAMER E RICOEUR

A Hermenêutica Filosófica torna-se meio para a construção jurídica, em que o potencial crítico está contido na filosofia hermenêutica, pois o fato de que sua experiência é dialética e sua função ser produtiva e não reprodutiva, no sentido gadameriano, torna imprescindível seu uso pelo jurista. O filosofar implica um pensar que não parte da divergência verdade-método nem a ratifica, mas articula-os em conjunto na tradição de Gadamer. Entender e compreender o homem, quem somos e quem sou, na nossa historicidade, bem como a procura e apropriação do sentido dos textos, dos símbolos ou da ação, na dimensão temporal de uma narrativa, bem como a compreensão de nós próprios e do mundo em que vivemos, por meio de uma aproximação com a Hermenêutica Antropológica de Ricoeur, aponta que toda a filosofia é hermenêutica, enquanto trabalho da interpretação que é formado pela profunda intenção de vencer as distâncias e as diferenças culturais, ponderando o leitor/intérprete com o texto que se lhe tornou estranho, e incorporando o seu sentido na compreensão atual que um homem é capaz de ter de si mesmo. Na Hermenêutica Filosófica desenvolveram-se padrões estruturais metodológicos que possibilitam tal diálogo. O diálogo se constitui em condição relevante no processo de construção de horizontes humanos que não ignoram as contribuições da ciência moderna, mas que não abdica dos elementos hermenêuticos fundados na experiência da consciência humana. O acontecer da linguagem diz respeito à finitude do homem num sentido transformador, assim, trata-se do medium da linguagem que enseja a evolução de nossa experiência do mundo e, inclusive, a experiência hermenêutica que se pretende colaborativa na superação da dicotomia verificável entre o objetivismo e subjetivismo contido tanto no pensar filosófico quanto na compreensão Hermenêutica do Direito e da Constituição na resolução dos conflitos.

Esteban Lythgoe

estebanlythgoe@yahoo.com.ar

## EL LUGAR DE LO SIMBÓLICO EN LA FILOSOFÍA DE LA HISTORIA DE RICOEUR

En su obra *Collective Memory & the Historical Past*,<sup>1</sup> Jeffrey Barash hace un breve esbozo del tratamiento que ricoeuriano del símbolo y su recepción de la obra de Ernst Cassirer desde su ensayo sobre Freud hasta *La memoria, la historia, el olvido*. Según Barash, mientras en el primero de estos libros Ricoeur toma distancia del filósofo neokantiano adoptando una concepción estrecha de lo simbólico, en su tratamiento de la triple mimesis de Tiempo y narración se produce un acercamiento a este autor. Sin embargo, Ricoeur deja de lado el problema de lo simbólico en *Sí mismo como otro* y *La memoria, la historia, el olvido*, con la consecuente dificultad de no poder dar cuenta de los complejos niveles de mediación que yacen entre la experiencia personal y la memoria en la esfera colectiva. La presente ponencia propone un objetivo doble. En primer lugar, relativizaremos esta última afirmación de Barash. Aunque es correcto que en la obra del año dos mil no se hace ninguna referencia explícita a Cassirer, lo simbólico es abordado en el análisis de la memoria manipulada, así como una búsqueda por explicar los distintos niveles de mediación entre el individuo y la memoria colectiva. Es posible asimismo establecer un nexo entre este análisis y el de Tiempo y narración, no a partir de la mención del filósofo alemán, sino por sus referencias al tratamiento antropológico que hace Clifford Geertz sobre el tema. Existe, empero, un punto en el que coincidimos con Barash, y es que en *La memoria, la historia, el olvido*, Ricoeur vuelve a retrotraer el alcance de lo simbólico, como se manifiesta en que su tratamiento se realiza en la sección dedicada a la memoria manipulada, desvinculándolo, en principio, con la problemática psicoanalítica de la memoria impedida. A raíz del vínculo casi definitorio del psicoanálisis con lo simbólico, segundo objetivo consistirá en determinar hasta qué punto se produce esta disociación entre la recepción del psicoanálisis y lo simbólico, y de existir, de qué manera afecta a la concepción ricoeuriana de la memoria colectiva, en general, y de los abusos de la memoria natural, en particular.

Fábio Fernandes da Silva

fabiofernandes9696@hotmail.com

## CRÍTICA DE GRÜNBAUM À INTERPRETAÇÃO DA PSICANÁLISE DE RICOEUR

Esta comunicação tem como objetivo expor a crítica feita por Grünbaum à interpretação de Ricoeur no que concerne à obra de Freud. Bem sabemos que o filósofo alemão levou adiante seu debate com o filósofo francês por mais de vinte anos, o que resultou em uma enorme bibliografia a respeito. Devido à extensão

bibliográfica dessa crítica, bem como por uma opção metodológica, esta comunicação se restringirá à análise da obra mais conhecida de Grünbaum, no que tange ao tema abordado, *The Foundations of Psychoanalysis*, obra na qual o filósofo da ciência acusa, já na primeira sessão, Ricoeur e Habermas de terem criado uma espécie de ‘mito exegetico’ dos escritos de Freud. Com o intuito de não apenas apresentar a crítica de Grünbaum, iremos utilizar a posição de Gregory Trotter feita contra a denúncia do filósofo alemão. Trotter, em seu artigo, *The Debate Between Grünbaum and Ricoeur*, levanta a objeção de que Grünbaum não compreendeu, de fato, o projeto ricoeuriano em relação aos escritos de Freud, gerando, conseqüentemente, um certo receio quanto aos escritos de Ricoeur sobre Freud no meio acadêmico internacional. Especificamente, Trotter argumenta que o filósofo da ciência downplays, isto é, minimiza a importância do discurso e linguagem na teoria e prática psicanalítica. Sendo assim, a comunicação será dividida em três partes: apresentação da crítica de Grünbaum; exposição das objeções de Trotter quanto esta crítica; e, por fim, uma análise geral de ambas as posições dos autores.

Fernando Resende e Diego Amaral

fernandoaresende1501@gmail.com

NARRATIVA COMO PROBLEMA: O JOGO E O TEMPO A PARTIR DA HERMENÊUTICA DE RICOEUR

O jogo, como a vida, é contingência. Incerteza. Não por acaso, Flusser define o jogo como “sistema de elementos combináveis de acordo com regras”. Ou seja, o jogo como objeto é delimitado pela potência de suas regras. Noção, aliás, recorrente e que rege o estudo dos jogos como campo (ludologia). O lúdico só toma forma e passa a ser ato na produção do jogador em seu confronto com o indeterminado. Ou seja, antes de se estruturar como forma baseada em regras, o lúdico é impredicado que ancora a materialidade da estrutura na narrativa. E, como quando confrontado com o mundo, o sujeito que joga narra. Na esteira desse raciocínio, propomos entender a narrativa como operador central para a produção de sentido em jogos. Afinal, ao assumir como premissa o fato de que o jogo é processo, devemos também entender que sua expressão não pode ser limitada a um objeto ou conjunto de regras. Nesse sentido, encontramos na narrativa, nos termos de Ricoeur, o elemento articulador da experiência temporal que liga sujeito (jogador) e objeto (sistema) em uma relação que entenderemos como um “jogo”. A narrativa, quando entendida a partir de uma poética, é o aparato que orchestra a experiência afetando sujeitos, regras e a própria plasticidade do jogo enquanto estrutura lúdica. O objetivo deste trabalho é lançar as bases para uma proposta metodológica que compreenda o jogo em sua dimensão relacional. De forma mais específica, encontramos, na hermenêutica de

Ricoeur, um operador referencial para a articulação de uma proposta que concilie a relação entre o jogo enquanto potência no tempo, presente na estrutura baseada em regras, e a performance do jogador com sua temporalidade própria.

Frederico Soares de Almeida  
fredkrav@gmail.com

#### A PASSAGEM DA FENOMENOLOGIA PARA A HERMENEUTICA FILOSÓFICA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

O objetivo desta comunicação é apresentar a passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica ocorrida no pensamento de Paul Ricoeur. Nesse sentido, a problematização desta apresentação diz respeito à mudança ocorrida no pensamento fenomenológico desenvolvido por Ricoeur. Nossa hipótese é que, ao construir uma reflexão sobre a experiência do mal, Paul Ricoeur percebe que a fenomenologia não dava conta, por si só, de explicar tal experiência. Sendo assim, a temática do mal o levou a desenvolver outra abordagem metodológica diferente da fenomenologia. A partir desse momento, Ricoeur, por meio de sua “via longa”, realiza o enxerto hermenêutico na fenomenologia, construindo um novo caminho em sua filosofia. Ele irá encontrar na hermenêutica um novo método do seu fazer filosófico. Esse novo método buscado por Ricoeur, o levará à possibilidade de analisar o problema do mal a partir da interpretação e das análises dos símbolos e dos mitos. Ao desenvolver uma hermenêutica que, no seu primeiro momento, tem como objetivo interpretar os símbolos, Ricoeur busca, de forma nova, construir uma simbólica do mal com o intuito de ultrapassar o abismo da possibilidade para a realidade. É a partir da simbólica do mal, que ele procura preencher a distância entre a simples possibilidade do mal e a realidade da falta. Sua hermenêutica neste momento será entendida como hermenêutica dos símbolos.

Geoffrey Dierckxsens  
gdierckxsens@gmail.com

#### IMAGINATION AND EMBODIED COGNITION. APPLYING RICCEUR TO ENACTIVISM

This paper aims to show that applying Ricoeur’s philosophy to the “enactivism” movement in philosophy of mind allows understanding the role of the imagination for embodied cognition: embodied cognition is essentially imaginative (i.e., association and production of meaning in our physical relation with the world). In recent years, many enactivist theories have emerged, which, very generally speaking, hold that cognition results from a direct interaction between the body and the physical world (i.e., sensorimotor activity). The

enactivist movement finds its inspiration in the continental tradition of phenomenology, in particular in Husserl's and Merleau-Ponty's ideas of the embodied consciousness. Yet a thorough analysis of how Ricœur's hermeneutical phenomenology could contribute to enactivism does not exist so far in the field. This is surprising. Ricœur's philosophy and enactivism have several affinities. Both draw on phenomenology, and on the works of Husserl and Merleau-Ponty. Moreover, Ricœur contends that embodied cognition gets shaped by sociocultural contexts. Thus he is close to very recent theories of enactivism that expand the original version of enactivism focused on basic mental activity (planning, mapping, etc.). In recent years, enactivist theories also put a particular focus on narrativity, like Ricœur, especially on how narratives mediate our moral value systems that influence how we act in the world accordingly. In my paper I aim to show that filling this lacuna in enactivism by applying Ricœur to it allows examining a relation that enactivists are only beginning to explore: the relation between imagination and embodied cognition. While traditionally imagination is understood in relation to perception and mental representations in philosophy of mind, recent theories of enactivism rarely discuss the potential role of the imagination for embodied cognition. Surely, enactivists at times examine imagination as a particular embodied mental state or kind of perception, and especially its function in art and our reception of literary work. Goldman argues that imagination implies a process of enactment, i.e., of actively constituting an imagined world by simulating perception or another mental state. Caracciolo defends an enactivist account of the imagination, which analyses imagination as the reader's active exploration of a nonexistent environment. However, in enactivism research still has to be done on how the imagination influences how we deal with narratives, not only in art, but also as part of the creative process of sense making that is essential to embodied cognition as such. In my paper I will draw on Ricœur's idea of imagination in *Freedom and Nature*, and in the three volumes of *Time and Narrative*. Ricœur connects imagination to the body defines it as essential for human freedom, and therefore as part of embodied experience and action. For Ricœur, imagination allows distancing ourselves from our needs. For example, hunger as bodily need inspires our bodily desire and imagination of food. Moreover, Ricœur defines imagination not as the production of mental images (representations), but as the creation of new meaning in the context of sociocultural embedded narratives (cf. his critique of classical mimesis). This double sense of imagination (as embodied and sociocultural) makes it clear, so I will argue, that imagination mediated by narratives is essential for embodied experience and action and therefore for embodied cognition. Narratives allow for the creation of new meaning in the imaginative world of the reader/spectator, which in turn inspires how we

experience and act in the embodied relation with the world, i.e., we create our own life stories that shape our embodied relation with the world.

Gervasio Manuel Insua

gervasioinsua@yahoo.com.ar

## EL LUGAR DE LA BELLEZA EN LA EDIFICACIÓN DEL SÍ-MISMO

La acción, concepto central en la obra de Paul Ricoeur, se presenta como el puente a partir del cual el sujeto puede abrirse al mundo y constituirse ontológicamente a partir de su propia creación. En el presente trabajo intentaremos considerar la dimensión estética de dicha acción, sostenida e impulsada por un ideal de belleza y por el armado de un estilo que dibuja y modela la relación entre el sujeto y el mundo. A este fin, tomaremos como guía de este recorrido el trabajo realizado por el filósofo francés Michel Onfray titulado *La escultura de sí*. En el cual destacaremos la noción de sujeto sublime, entendido como aquel que busca la construcción de sí según el principio de la bella individualidad y es el productor de una forma que revela un estilo. Este trabajo nos va a interesar en tanto que sostiene una estética de la existencia o una estetización de la vida. Desde aquí el artista y el poeta se nos muestran como paradigmas inevitables de un posicionamiento ético que busca lo sublime como fin de toda acción. Nos vamos a proponer situar la convergencia de dos líneas de pensamiento, de un lado nuestro autor, Paul Ricoeur, quien entenderá que la imaginación cumple un rol protagónico como actividad mediadora en la edificación del sí-mismo, en su relación con la dimensión práctica del obrar. Del otro lado Onfray, quien al exaltar lo sublime en el hombre pone en la mira no sólo la belleza como ideal al que se dirige su actuar, sino sobre todo la necesidad de éste de domar sus pasiones. Lo sublime se presenta aquí como elevación, como respuesta al combate entre Dioniso y Apolo, como lucha entre Eros y Tánatos. Por último nos ocuparemos de la dimensión temporal que atraviesa el actuar en su papel creativo. Siguiendo a Onfray, subrayaremos dentro de esta dimensión la oposición que él nos presenta entre el sometimiento del hombre a un empleo del tiempo que no ha deseado y el uso del tiempo liberado de estas ataduras. Tiempo lúdico que se define a partir del dispendio, libre disposición del tiempo en aras de un uso inventivo del mismo. Sin embargo, este no compromiso del hombre sublime con respecto al tiempo regulado por el orden social supone también poder dominar el arte del tiempo oportuno o *Kairós*, definido como el instante preciso durante el cual hay que actuar y dirigirse al mundo y a los otros. Paul Ricoeur se definirá a sí mismo como perteneciente a una tradición de pensamiento inserta en una filosofía reflexiva, en la cual se erige como pregunta central el problema de la comprensión de uno mismo. En el presente trabajo

desearemos destacar la afirmación estética de este movimiento reflexivo y de esta comprensión de sí.

Gesuína de Fátima Elias Leclerc

gesuina.leclerc@gmail.com

#### A NARRATIVA NO CONTEXTO DA LITERATURA MARGINAL

O escritor Ferréz, seu conto, O País das calças beges, e seu artigo, Pensamentos de uma “correria”, expressam o conceito de literatura marginal como rubrica problemática que engloba obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial, que não pertencem aos cânones estabelecidos, que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços considerados marginais. Mediada pela leitura de Paul Ricoeur, em Tempo e Narrativa, esta reflexão considera a prática narrativa como questão filosófica, valendo-se do Corpus sugerido. A recepção da literatura marginal diz respeito ao problema sobre como alguém pode ser reconhecido como quem tem o que contar, motivos para contar, e certas habilidades narrativas para valer a pena ser ouvido. Alguém que procura se localizar emocional e afetivamente perante um leitor, transformando instrumentos de opressão em categorias icônicas, enfrentando a espetacularização e propondo a humanização do tempo, em contextos no qual a vida é tratada como coisa descartável, por exemplo, no contexto do sistema prisional brasileiro. O método de leitura aqui adotado observa o sistema semiótico literário como “sistema modelizante secundário”, assentado sobre a cultura ou a memória não hereditária de uma comunidade. Como Ferréz constrói seus personagens? Como esses personagens são recebidos pelos leitores? Aqui, é preciso evidenciar o leitor como categoria teórica, alguém que aprendeu o protocolo da leitura na sociedade.

Hayane Ribas Oliveira

hayane\_ribas@hotmail.com

#### FILOSOFIA DA HISTÓRIA E NARRATIVIDADE: UM ESTUDO ACERCA DAS POSIÇÕES DE PAUL RICOEUR E DAVID CARR

A pesquisa trata da relação entre homem e narratividade, sendo esta última a função organizadora das ações humanas, sejam elas individuais ou coletivas (sociais). Duas posições são analisadas, a de Paul Ricoeur e a de David Carr. Através da leitura do livro Tempo e Narrativa, Tomo I, de Paul Ricoeur e do texto A narrativa do mundo real: um argumento em favor da continuidade, de David Carr, buscaremos compreender as semelhanças e distinções nos pensamentos de ambos e a importância da narrativa construída pelos autores para a História. Para

Ricoeur, as ações humanas são prefiguradas por um mundo simbólico, mas elas só possuem organização e sentido na medida em que a narrativa organiza suas ações por meio da trama. Para ele, a ação faz parte de uma estrutura pré-narrativa, que necessita ser configurada pela trama narrativa, presente em sua teoria da tríplice mimesis, a partir dessa configuração ocorre a refiguração da realidade, que tem como agente o leitor. Caberia ao conhecimento histórico reconstruir os eventos ao representá-los através do passado histórico. Essa estrutura narrativa pertence aos textos e não está na ação, mas pode ser usada para entendê-la. Já para Carr, as ações humanas possuem uma estrutura ontológica primeira, que as organiza e lhes dá sentido. Desse modo, as comunidades e os indivíduos se organizam e se constituem através de suas ações que tem uma estrutura narrativa. É, então, pela realidade (humana) histórica que o conhecimento histórico se estabelece. Ambas posições possuem características que as aproxima, mas também possuem afastamentos, que criam formas diferentes de se compreender a realidade histórica.

Jeanne Marie Ganegbin

jmgagnebin@gmail.com

FAUTE, CULPABILITÉ ET DETTE: ÉTUDE D'UNE TRANSFORMATION  
CONCEPTUELLE

Cette communication s'attache à ressaisir trois moments de l'itinéraire de Ricoeur: la description phénoménologique de la faute et de la culpabilité (dans la Symbolique du Mal principalement), puis la mise en question de ces catégories à partir de la lecture de Freud, ce que Ricoeur lui-même désigne comme l'exigence de "remonter de la morale de l'obligation à une éthique du désir d'être ou de l'effort pour exister", reprenant ici les termes de Jean Nabert et l'éthique du conatus spinozien. Au-delà du moment éthique, l'on devra également s'interroger sur le terme de "dette" dans la philosophie de l'histoire de Ricoeur (notamment dans Temps et récit III et dans La mémoire, l'histoire, l'oubli). En effet, les termes de "faute" et de "dette" sont, du moins dans la lecture de Nietzsche que Ricoeur connaissait bien, équivalents ou, plus précisément, Nietzsche fait dériver le concept de faute/Schuld de celui de dette/Schuld (dans la Généalogie de la morale). Il faudra alors nous demander jusqu'à quel point le présent est "redevable" au passé sans que cela puisse peser sur la force d'invention et de liberté du présent. Ou, en termes de philosophie de l'histoire, comment Ricoeur peut-il concevoir l'alliance entre travail de mémoire et inventivité historique.

Jeferson Flores Portela da Silva

floresfapas@gmail.com

## A ONTOLOGIA DO SOI-MÊME EM RICOEUR

A investigação pretende trazer à lume o estatuto da noção de si-mesmo ricoeuriana como uma possível ontologia. Na análise que fazemos do problema, forma como se articulam os conceitos de ipseidade e mesmidade na construção da noção de si-mesmo dá lugar a um verdadeiro campo aberto para toda discussão acerca de uma ontologia fragmentada, atravessada pela alteridade. É da pertinência dessa abertura que depende, aliás, a originalidade da pesquisa e a possibilidade de que ela possa contribuir de modo relevante para a compreensão de uma tese ontológica no pensamento do filósofo Paul Ricoeur. O si ricoeuriano não conhece somente a existência crua e direta, ele é também reflexividade, e pela via da reflexão se reconhece como sujeito na unidade de seus atos e estados. Nessa medida, o pensamento ricoeuriano incorpora o ponto de vista das filosofias que fazem da reflexão uma verdade irreduzível, embora em Ricoeur essa verdade não apresente o mesmo estatuto que em seus predecessores modernos. Para Ricoeur, apesar de sua irreduzibilidade, ela é átopos, sem lugar assegurado. O que se faz é admitir a irreduzibilidade do sujeito reflexivo sem atribuir-lhe uma função de fundação enquanto Cogito (Descartes), enquanto eu correlato das representações (Kant) ou como ego transcendental (Husserl). Trata-se de um cogito ferido (blessé) ou partido (partie), quebrado (cassé) atravessado precisamente pela existência na qual ele é por princípio lançado. Não há, portanto, imediatez, tanto da reflexão quanto da existência. Nem a reflexão é instantânea e transparente, nem a existência é dado puro e imediato.

Jefferson da Silva  
je.filos@hotmail.com

### A DESPROPORÇÃO DO SUJEITO NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

O presente trabalho, a partir da obra *Da interpretação*, tem como objetivo refletir a respeito da desproporção do homem, ou seja, pensar em uma certa não coincidência de si consigo mesmo, em oposição a um certo essencialismo que, às vezes, o determina muito aquém de suas possibilidades. Para atingir tal objetivo, será pensado a respeito da filosofia reflexiva ricoeuriana após as suspeitas colocadas pela psicanálise freudiana. Para Ricoeur, um sujeito em seu esforço por existir e desejo de ser, pode ser aberto no seu modo de pensar. Porém, para que essa abertura do sujeito se realize de fato, ou seja, para que o sujeito assuma para si mesmo sua abertura ao mundo, é necessário aventurar-se na descoberta de si mesmo, desapropriando-se do que acredita e pensa ser. É necessário desapropriar-se da consciência imediata para se reencontrar. Ricoeur, partindo de Freud, coloca em dúvida se realmente o sujeito é consciente de todas as suas reflexões e ações, se é capaz de se conhecer, pelo cogito, na transparência

absoluta, desconsiderando sua história e seu ato de ser. É justamente a partir dessa dúvida que o filósofo chega a afirmar que o sujeito, antes das próprias reflexões, é motivado pela força do inconsciente, sendo assim necessário desapropriar-se de suas próprias certezas e descobrir o que se encontra mais latente, para além da consciência imediata, o inconsciente. É aprofundando na realidade inconsciente, realidade diagnosticada, que Ricoeur afirma que o sujeito não possui coincidência de si consigo mesmo, pois é desproporcional.

João B. Botton

joaobotton@gmail.com

MOLLOY E O ALCANCE DA TEORIA NARRATIVA DA IDENTIDADE

O que move nossa investigação é a controvérsia acerca do alcance do modelo narrativo como ferramenta hermenêutica da compreensão de si na obra de Ricoeur. A narratividade, argumenta o filósofo, é o modo privilegiado de compreensão de si porque torna inteligível a ação humana em contraste com a dispersão da temporalidade. A controvérsia gira em torno do modelo de inteligibilidade produzido pela forma narrativa construída por Ricoeur a partir do modelo aristotélico. Alega-se que a forma da mimesis aristotélica é limitada e não dá conta de modelos mais contemporâneos de composição, ou, ainda, que a narratividade como paradigma de inteligibilidade falseia a compreensão dos fenômenos humanos ao impor-lhes uma forma totalizadora do sentido. Esse trabalho pretende mostrar de que modo é possível interpretar a teoria narrativa da identidade para que ela responda a essas objeções, através de uma análise da obra Molloy de Samuel Beckett.

Jorge Medina

jorge.medina@upaep.mx

¿LOS ABSOLUTOS MORALES SON UN ESPACIO NO HERMENÉUTICO DE LA ÉTICA? UNA RELECTURA DE RICOEUR Y LEVINAS EN TORNO AL MAL

Tanto Paul Ricoeur en su “Le Mal: un défi à la philosophie et à la théologie” como Emmanuel Levinas al escribir su lectura talmúdica “Les dommages causés par le feu”, insisten en una diferencia entre el mal padecido y el mal cometido. Este último guarda sin duda el misterio más hondo del mal: el mal moral producido por una libertad, o como dice Ricoeur, “la violencia ejercida sobre el hombre por el hombre”. ¿Cuál teodicea justifica el mal de un hombre contra otro?, ¿hasta dónde la teodicea es una gran hermenéutica totalizante que dota de sentido a todo mal? La doctrina de los absolutos morales, aquellos que enunciaba ya Aristóteles en su Ética, fue revitalizada en cierto sentido tanto por Ricoeur como por Levinas en pleno siglo XX. Los absolutos morales no sólo ponen un límite no

interpretable del mal, sino que haciendo esto, son la base misma de toda posible ética hermenéutica. Al no haber doctrina que justifique todo mal, ante el mal cabe siempre cabe una respuesta práctica, una responsabilidad última.

José Vanderlei Carneiro

vanderleicarneiro66@gmail.com

ÉTICA NO PLURAL: UMA BIOÉTICA REFLEXIVA ATRAVESSADA NA  
“PEQUENA ÉTICA” DE PAUL RICOEUR

Este trabalho tem o propósito demonstrar a marca reflexiva do pensamento ético de Paul Ricoeur através da sua “pequena ética”, configurada como uma construção teórica/prática de bioética. A questão fundamental desta reflexão será o seguinte: Como resolver os conflitos provocados pelos casos difíceis, àqueles que demandam uma análise de acordo com cada situação da vida? Tomaremos como materialidade textual as obras de Paul Ricoeur: O Si-Mesmo como Outro, O Justo II. Os conceitos de solicitude crítica e de justiça atravessam o estudo da ética como visada para uma deliberação sensata à luz da sabedoria prática. O caráter insubstituível da reciprocidade cerne da solicitude e os traços éticos na compreensão de justiça articulam uma investigação de cunho reflexivo da bioética. Essa abordagem estabelece uma relação entre ética e hermenêutica, a partir das tensões e mediações construtivas e conflitivas suscitado pelo formalismo deontológico, quando remetida da moral à ética, assim como uma ética revisitada pela norma com propósito de se inscrever como juízo moral em situação. Dessa forma, a investigação recorre a noção de o sujeito capaz para responder a pergunta: “Que devo fazer aqui agora?” Isso só será possível por meio da ação de um sujeito de direito e capaz de imputação moral. A bioética ricoeuriana se constitui de três componentes das éticas fundamentais: estima de si, solicitude e sentido de justiça. O primeiro conflita com a aplicação da regra formal de universalização kantiana, o segundo correspondente a noção de respeito, “o homem como fim e não como meio”, e o terceiro componente moral em situação, explicita o problema da justiça, tanto no plano ético, do justo e do não justo, quanto no plano moral com a tradição contratualista. Além do suporte teórico, Ricoeur sugere para a decisão de casos difíceis, na nossa compreensão, o juízo da comunidade, o debate público, o que ele chama de “célula de conselho”, como campo da práxis nas instituições justas.

Lara Nasi

nasi.lara@gmail.com

A VIOLÊNCIA E A TRAGÉDIA: NOTAS SOBRE A NARRATIVA NO  
JORNALISMO

Neste trabalho, a proposta é analisar a tessitura da intriga em uma narrativa sobre violência. O caso em questão é o assassinato de um médico, Jaime Gold, por adolescentes, na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro, justamente no momento em que o Congresso Brasileiro discute a redução da maioria penal. Dessa forma, observamos o percurso proposto por Ricoeur para compreender a composição narrativa. Ao partir de uma compreensão prévia do mundo, do pré-figurado e das referências que precedem a criação poética, o jornalismo aciona as compreensões que circulam nas próprias narrativas que oferece e em outras, sobre crime e criminalidade. Assim, ao chegar em *mimese II*, a tessitura da intriga, observamos configurações narrativas muito distintas em dois jornais do mesmo grupo editorial, *O Globo* e *Extra*, para o mesmo caso. O primeiro oferece aos leitores identificação com a vítima do crime e remete à punição dos responsáveis; em *O Extra*, a proposta é de identificação com o suspeito, num agendamento de fatos que leva a narrativa a justificar os caminhos que o levaram ao crime. A discussão nos leva às características da tragédia de Aristóteles mencionadas por Ricoeur: o caráter moral, o duelo bem e mal, o apelo às emoções no encontro do texto com o leitor, as mudanças de sorte para infelicidade ou para a felicidade. A baixa ou a nobreza dos personagens, que fundamentam as diferenças e propõem modelos de universal. Com essa discussão, na esteira de autores como Carvalho, Carvalho e Lage, Leal e Motta, Resende, Schwaab, entre outros, compreendemos, entre as narrativas históricas e fictícias, também o jornalismo como narrativa.

Leonardo Marques Kussler

leonardo.kussler@gmail.com

TRAÇOS DE ALTERIDADE NO SOFISTA: O QUE RICOEUR HERDOU DE PLATÃO?

No *Sofista*, Platão já desenvolve princípios argumentativos acerca dos conceitos de identidade e reconhecimento, mesmidade e alteridade. Ao traçar limites entre o que se caracteriza por ser, não ser e a possibilidade de estas grandezas relacionarem-se, Platão explicita, pela voz do estrangeiro, o mesmo e o outro, modos de compreender os entes. Ricoeur, por sua vez, elabora uma teoria tangente ao reconhecimento e à alteridade, do si-mesmo como um outro, uma vez que insiste na necessidade de um outro para a formação e o reconhecimento da identidade. O objetivo, aqui, é remontar alguns aspectos da filosofia ricoeuriana à teoria anteriormente proposta por Platão, enfatizando e defendendo que a) a ideia de alteridade mostra-se presente já no *Sofista*, dependendo do modo como se interpreta o conceito de ἕτερος [héteros] e b) quais as principais distinções da proposta de Ricoeur com relação à tese platônica, não referenciada diretamente em sua obra. Assim, abriremos o diálogo entre as

tradições supracitadas com o fito de alimentar a discussão sobre a possibilidade de defender traços de alteridade ao identificar as definições platônicas e em que medida elas ecoam na proposta hermenêutica e literária de Ricoeur.

Leticia Cantarela Matheus

leticia\_matheus@yahoo.com.br

#### RICOEUR E A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

O artigo apresenta uma reflexão teórico-metodológica sobre a contribuição do conceito de narrativa de Paul Ricoeur para a Comunicação, a partir de dois autores brasileiros: Marialva Barbosa e José Carlos Reis. Para isso, o artigo se centra em três argumentos. Primeiro, trabalha a historiografia e a apropriação do conceito de história como parâmetros para uma “virada temporal” dentro dos estudos comunicacionais. Em segundo lugar, defende que esse tipo de conhecimento enfoca as particularidades da posição da sua própria historicidade, com limites e potencialidades de cada época e de cada grau de consciência histórica. Por fim, argumentamos que a própria consciência história é uma operação comunicacional ou, pelo menor, encharca-se da dimensão simbólica. Espera-se evidenciar uma porta da Comunicação para a filosofia da linguagem pela ótica da narrativa, enquanto conceito fenomenológico que, por isso, não se reduz a um gênero literário mas pode sim servir metodologicamente para análises da estrutura narrativa. Entretanto, a grande contribuição de Ricoeur parece ser a proposta de integração da perspectiva linguística com a perspectiva significativa, entendendo a relação entre esses dois planos a partir da dialética entre o linguístico e o extralinguístico (narrativa e história). Para Ricoeur, o extralinguístico não se encontra apenas na produção discursiva, mas ir para o momento em que o texto volta ao mundo. É preciso chegar à interpretação e à seguinte apropriação. A chave para a comunicação seria o modelo do diálogo. Para ele, a comunicação é um enigma e mesmo um milagre, porque o estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano, uma distância comunicacional que, paradoxalmente, seria sua condição de existência.

Luciane Luisa Lindenmeyer

lucianelindenmeyer@gmail.com

#### O FUNDAMENTO FENOMENOLÓGICO DA DESMISTIFICAÇÃO DO SENTIDO OCULTO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Este trabalho pretende analisar um dos aspectos mais significativos para o projeto hermenêutico de Paul Ricoeur, isto é, o conceito de desmistificação do

sentido oculto da linguagem, desenvolvido por ele na sua obra *Interpretação e Ideologias*, a fim de identificar os fundamentos fenomenológicos da sua metodologia filosófica. Para tanto, a sua concepção de desmistificação do sentido será abordada de forma a reconhecer nela elementos que caracterizam a experiência propriamente fenomenológica. É sabido que a hermenêutica ricoueriana supera os preceitos fenomenológicos e adquire uma dimensão bastante peculiar na constituição de seu projeto teórico, mas existem características evidentemente husserianas em alguns de seus termos próprios. No estágio inicial da aplicação da experiência fenomenológica, a sua condição primária é a suspensão do juízo, ou a epoché, que implica no abandono de teorias preconcebidas. Se a fenomenologia lida com o problema dos aparecimentos, é apenas a partir da análise dos fenômenos que podemos acessar os atributos essenciais do que é analisado. Paul Ricoeur segue exatamente esses preceitos ao fundar a sua eidética da vontade a partir da redução fenomenológica. A análise do que está implicado ao aparecimento de informações que nos cercam é aplicada por Ricoeur de forma a considerar o processo puramente descritivo para o desvelamento do sentido e para a posterior interpretação do ser, que corresponde ao principal desígnio de sua filosofia hermenêutica. A sua proposta de desmistificação pressupõe o seu projeto da eidética da vontade e sua filosofia também parte do cogito, tal como a proposta originária da fenomenologia elaborada por Edmund Husserl, muito embora a sua tese atribua outras abordagens para a questão da consciência. No contexto teórico da hermenêutica de Ricoeur, há um processo de restauração do sentido que se segue da sua desmistificação, de forma que seja possível a identificação do que é ilusório a fim de pensar apenas o que é essencial para o sentido da linguagem, nada mais fenomenológico.

Manoel Coracy Saboia Dias

coracysaboia@gmail.com

LA FILOSOFIA POLÍTICA COMO UNA REFLEXIÓN SOBRE LA CIUDADANÍA EN LOS ESCRITOS DE PAUL RICOEUR

Este estudio tiene como objetivo presentar una propuesta de filosofía política en Paul Ricoeur, en el campo de la filosofía práctica, de una tradición fenomenológica y hermenéutica, lo que ayudará en la revitalización y reorientación de la reflexión sobre la política y en la política, teniendo en cuenta que su pensamiento político es plural, abierto, pero no disperso, y que se alimenta de fuentes antropológicas, metafísicas y religiosas desde diferentes estilos y estrategias: La primera consistiría en buscar la reflexión teórica que suele acompañar a los textos que podemos llamar “de circunstancias”; son muchos (sobre o pacifismo, sobre o compromiso Cristiano, los acontecimientos de

Budapest, la guerra de Argelia, etc.). En estos pequeños textos se esboza en filigrana elementos para una filosofía política. La segunda vendría dada por el análisis de sus lecturas de los grandes nombres y obras de la filosofía política. Dedicó brillantes páginas a presentar y comentar a contemporáneos como Weil, Arendt, Patocka, Rawls, o Walzer y a clásicos como Hegel, Kant o Marx. [La tercera] También se puede elaborar desde los elementos estrictamente políticos de su filosofía. Así lo político puede ser visto desde la narración, desde la metáfora o desde la cuestión del reconocimiento, la hermenéutica o el imaginario, la narración, la traducción, la hospitalidad, la ética del don o los “estados de paz” de prestan a una apropiación política, a un enriquecimiento de lo político. Y por último [cuarta], podemos atender a aquellos textos en los que explícitamente se aborda la filosofía política, algunos tan importantes como “La paradoja política” o “Ética y política”. Para finalizar, de manera decisiva, el pensamiento político de Paul Ricoeur es rico, complejo, variado, pero consistente, que se debe al su compromiso político, según él mismo: “Por mí parte, definiré la filosofía política como una reflexión sobre la ciudadanía”.

Manuel Prada Londoño

mpradalon@gmail.com

EL TRABAJO DE LA PAZ EN COLOMBIA: ENTRE LA LUCHA POR EL RECONOCIMIENTO Y EL HORIZONTE DEL ÁGAPE

En el tercer estudio de *Parcours* de la *reconnaissance* Ricoeur afirma que el reconocimiento mutuo puede pensarse no solo a la luz de la tensión, incluso de la diferencia, entre “lucha por el reconocimiento” y “estados de paz”, sino en la mutua instrucción entre estos dos escenarios del reconocimiento. A partir de esta idea, defendemos la tesis según la cual el trabajo de la paz –expresión que usamos aquí en un sentido análogo al de trabajo de duelo o trabajo de la memoria que hallamos, por ejemplo, en *La mémoire, l’histoire, l’oubli*– puede ser asumido como tensión y, a la vez, como mutua instrucción entre la lucha por el reconocimiento y la posibilidad del ágape. Ahora bien, frente a quienes leen en la propuesta de Ricoeur un guiño a la amnesia o a la impunidad, es necesario señalar que el trabajo de la paz no supone que se confundan la prosa de la justicia con la poética del ágape, ni que el don del perdón remplace la búsqueda de la verdad, la justicia y la reparación; no obstante, es posible –más aún: necesario– que la paz se asuma como trabajo de entrecruzamiento de los dos escenarios de reconocimiento mutuo, entrecruzamiento que es, a nuestro juicio, una de las formas plausibles de recuperar el sentido de vivir-juntos.

Marcela Fossati Otero

marcela.otero3@gmail.com

## UMA ANÁLISE DA TEORIA GERAL DA IMAGINAÇÃO EM PAUL RICOEUR

Este estudo tem como objetivo analisar a dimensão da teoria da imaginação, proposta por Paul Ricoeur na obra *Do Texto à Ação*. Desse modo, serão explorados diversos aspectos desta teoria, como a atribuição metafórica, a linguagem poética e o papel da ficção no discurso da imaginação. O núcleo dessa teoria encontra-se na ligação entre imaginação e inovação semântica, e essa proposta é inicialmente desenvolvida por meio da inserção da teoria da metáfora ao fenômeno da imaginação e da linguagem. Para isso, o autor propõe a seguinte questão: “Como poderemos derivar a imagem da linguagem?” A resposta a essa pergunta está na análise da poética, da ficção e do uso metafórico da linguagem como uma mediação entre o significado e a predicação literal. A imagem, gerada por essa nova estrutura semântica proposta, acrescenta um novo sentido ao campo da ficção e da linguagem, abrindo um leque de possibilidades devido à sua força heurística. Desse modo, a ficção tem uma função de redescrever a realidade em uma relação de não compromisso, isto é, ela gera a capacidade de perceber novas dimensões da realidade graças à suspensão da descrença, tornando-se possível, então, a ampliação do horizonte mental para a compreensão de novas ideias e conceitos. Sendo assim, este estudo irá analisar a função da imaginação, na teoria de Ricoeur, como uma criação de sentido através da reestruturação de campos semânticos que exploram diferentes campos sensoriais do conhecimento.

Marcelo Bonhemberger e Paulo Gilberto Gubert

valesquibrum@yahoo.com.br / paulo.gubert@puccs.br

DA PLURALIDADE À SINGULARIDADE: A BIOÉTICA EM RICCEUR E ENGELHARDT

O presente texto teve como objetivo ressaltar os pontos de aproximação entre Ricoeur e Engelhardt. Para tanto, partimos da análise ricœuriana da Parábola do Bom Samaritano, na qual Ricoeur sugere que o próximo não se define por um conceito, mas se torna presente por meio do encontro efetivo entre duas pessoas: uma em estado vulnerável e a outra solícita. Da sociologia, emerge o conceito de *socius*, enquanto sujeito que exerce uma função social, mediata. A esse respeito, o pensador francês salienta que a intenção ética, em toda sua radicalidade, leva em consideração a noção de pluralidade, segundo a qual o si mesmo, o outro próximo e o outro distante são, simultaneamente, tomados em consideração na sua singularidade. Engelhardt, por sua vez, busca elementos comuns para fundamentar um princípio transversalmente válido entre os amigos morais (*moral friends*) e os estranhos morais (*moral strangers*). Nesse contexto, o que resta diante do pluralismo moral é o princípio de permissão, que permite unir os

estranhos morais em um princípio comum pelo qual se possa chegar a um consenso entre as diferentes comunidades morais existentes. Todavia, no que tange a bioética, ambos os filósofos confluem em que determinadas decisões podem implicar sofrimento e conflito, às vezes inconciliáveis. Enfim, permanece o desafio de como adequar a singularidade de casos individuais à pluralidade de princípios éticos.

Marcelo Koch Vaz  
marcelokoch@gmail.com

#### O SENTIDO DO SOFRIMENTO NA BIOÉTICA CLÍNICA EM RICOEUR

O motivo primeiro da bioética clínica enquanto uma dimensão de ética aplicada é o sofrimento humano que busca esclarecer e normatizar a dimensão ética da relação entre o médico e o paciente. Sendo assim, antes mesmo de pensarmos a relação entre médico e paciente — marcada notadamente pela assimetria entre as partes — é preciso, segundo Ricoeur, partir não do sofrimento vivenciado especificamente na experiência clínica, mas daquele vivenciado na experiência humana comum. Com efeito, o filósofo francês não tem o objetivo de orientar a ação terapêutica mediante a fixação de princípios, mas pretende sobretudo esclarecer o entendimento que possuímos da capacidade humana de resistir ao sofrimento. Para tanto, Ricoeur propõe uma metodologia que implicaria o emprego de três eixos de reflexão: a) primeiro eixo entre o si e o outro — este deveria mostrar como a experiência do sofrer altera a relação do si consigo mesmo e com o outro; b) segundo eixo entre agir e sofrer — parte da ideia segundo a qual o sofrimento é acompanhado de uma diminuição da capacidade de agir. A tarefa consiste assim em decifrar os signos do declínio da ação nas quatro grandes capacidades: fala, ação, narrativa e estima de si; c) terceiro eixo sobre o sentido do sofrimento: finalmente dever-se-ia abordar a questão do sentido posto pelo sofrimento, sentido que originalmente manifesta-se pelas questões: Por que eu e não os outros? O objetivo é, assim, mostrar como no pensamento de Ricoeur, o sofrimento revela a dimensão passiva da condição humana e o quanto esse esclarecimento é fundamental para a apreensão de sentido da dimensão ética inscrita na relação médico-paciente.

Marcos Campos Botelho  
mmarcoscb@hotmail.com

#### O DESVELAMENTO DA INTENCIONALIDADE REFERENCIAL NO ENIGMA METAFÓRICO

Caracteriza-se o pensamento de Ricoeur pela busca do significado na análise da linguagem do enunciado metafórico, ao qual é concedido uma pretensão de verdade, que diz não se encerrar nas proposições científicas. A referência indica um esforço em Ricoeur para conferir um valor de verdade ao significado metafórico. Trata-se de uma nova fase de produção intelectual do filósofo francês dedicada à hermenêutica textual. O marco dessa nova reflexão é *A Metáfora Viva*, de 1975, e esse artigo pretende analisar especificamente o Estudo VII *Metáfora e Referência*, e relacioná-lo como base teórica para elucidar a relação entre referência e intencionalidade. É tarefa da interpretação desvelar o sentido metafórico como a chave da duplicação da referência na relação denotação-conotação. Ricoeur propõe uma referência da linguagem com maior extensão do que aquela apresentada por Gottlob Frege, pois sua filosofia enfatiza que a noção de sentido do discurso metafórico também exige uma noção referencial. O enigma metafórico é definido por dois fatores: o primeiro é a discussão sobre o que faz da metáfora um problema filosófico no sentido forte do termo, e o segundo fator é a questão da ambiguidade presente na linguagem metafórica, pois literalmente diz uma coisa, mas significa outra, então, não coincidem o que as palavras dizem e o significado das palavras, ainda assim, o significado depende do que é dito na literalidade. Assim a metáfora possui um enigma estabelecido pela tensão entre o que se diz e o que se quer dizer. O sentido literal na metáfora é reduzido para surgir uma nova pertinência semântica, uma espécie de “ver como” ao modo como Wittgenstein designa uma mediação não verbal do enunciado. O enigma alcança a referência do que dizemos porque é a característica da metáfora projetar e revelar um mundo próprio em seu discurso. Assim como o sentido literal é sobreposto por um sentido metafórico, assim também a referência metafórica tem como origem o colapso da referência literal. O artigo pretende resolver esse problema do enigma metafórico através da criação de uma nova pertinência semântica intencional na interpretação, a qual também é capaz de mostrar com clareza a relação entre referência suspensa e referência desvelada.

María Ferrari

lujanferrari@hotmail.com

UNA HERMENÉUTICA DE LA CULTURA DESDE LA PERSPECTIVA DE  
PAUL RICOEUR: ENTRE EL UNIVERSALISMO Y LOS PARTICULARISMOS

Paul Ricoeur ha sostenido que poner el interés en las experiencias efectivas de reconocimiento mutuo evita que las demandas provenientes del ulticulturalismo se reduzcan a una solicitud indefinida que se desvía hacia la postulación de ideales inalcanzables. Esta tesis nos pone ante un acontecimiento de pensamiento importante puesto que supone una re-focalización del interés filosófico por el

problema del reconocimiento. El presente trabajo tiene por objetivo la elaboración crítica de dicha tesis, no muchas veces cuestionada en los trabajos académicos, por medio de la cual creemos poder sostener que Ricoeur tiende a confundir las demandas de reconocimiento del multiculturalismo con conflictos divisibles. Este enfoque nos comprometerá, en primer lugar, a indagar sobre la posición ricoeuriana sobre el rol de los conflictos en la construcción de los lazos sociales en las sociedades democráticas. 1 En segundo lugar, para dar una amplia dimensión a dicha elaboración crítica, consideramos necesario elaborar, en conjunto, un análisis que ponga de relieve la posición implícita de Ricoeur en relación a la disputa entre civilización y cultura. Si bien Ricoeur no se ha ocupado sistemáticamente de proporcionar una teoría general de la cultura y, en ocasiones, ha tendido a borrar las distinciones entre los conceptos, algunos de sus ensayos como “El cristiano y la civilización occidental”, “Civilización universal y culturas nacionales”, “Cultures, du deuil à la traduction” sirven como textos propedéuticos para reconstruir una hermenéutica de la cultura que está supuesta en una fenomenología del hombre capaz que se debate en la tensión entre el universalismo y los particularismos.

Martha Cecilia Betancur García  
martac.betancur@ucaldas.edu.co

#### COMPLEMENTARIEDAD HERMENÉUTICA ENTRE RECONOCIMIENTO RECÍPROCO Y MUTUO. UNA BREVE APLICACIÓN AL PROCESO DE PAZ EN COLOMBIA

La ponencia tiene la intención de demostrar la necesidad de seguir el camino de la complementariedad dialéctica entre reconocimiento recíproco y reconocimiento mutuo, si se tiene el propósito de construir comunidades en las que sea posible configurar situaciones de paz duradera. El análisis hermenéutico va a realizarse de la mano de tres estudios de Ricoeur: “Camino del reconocimiento”, el Noveno estudio de Sí mismo como otro y la pequeña obra sobre el mal. Gracias a la mediación de las instituciones, el reconocimiento recíproco cumple un papel importante en la transformación de las relaciones de violencia en relaciones más pacíficas en las que sea posible la resolución de los conflictos a través del debate argumentado y los acuerdos. Las instituciones tienen la potencia de trabajar por la generalización y la formalización de normas que permitan el avance hacia la justicia y la igualdad. Sin embargo, el reconocimiento recíproco tiene límites debido a tres factores: la ambigüedad de las instituciones, que se expresa en la doble capacidad que tienen de generar políticas y prácticas que apunten hacia la consolidación o la negación del reconocimiento; la desconfianza de la ciudadanía hacia ellas por su capacidad de persistir en relaciones de desigualdad, de dominio y de violencia. Y a los

conflictos de intereses que ellas encarnan y expresan, tales como: entre intereses individuales y colectivos; entre principios morales o entre tipos de normas y leyes. Dadas estas tensiones y dado que las relaciones entre el reconocimiento recíproco y el reconocimiento mutuo no son excluyentes sino de tensión y complementariedad, conviene la persistencia en la transición hacia el reconocimiento mutuo, de fondo moral, el cual se basa en relaciones equitativas de aceptación y reconocimiento de las personas en su dignidad y en sus valores personales. Estas relaciones se basan en encuentros de interpersonalidad y afectividad, como puede ser el caso de las experiencias culturales de las comunidades y los movimientos sociales nucleados a partir del reconocimiento simbólico en torno a figuras como el don, el perdón, la reconciliación, la generosidad. Además son posibles por el doble sentimiento valorativo de la estima de sí y del otro, por la solicitud en tanto relación de alteridad y por la síntesis que puede realizar la gratitud. La unidad de la tensión entre las formas de reconocimiento se realiza en el ideal ético ricoeuriano de “Propender por la vida buena, con y para el otro, en instituciones justas”, sin que sea posible la estabilización completa en alguna forma fija de reconocimiento. Finalmente se quiere hacer una breve aplicación de la teoría ricoeuriana al proceso de paz en Colombia, demostrando la necesidad de los gestos de reconocimiento mutuo en experiencias simbólicas como la firma del proceso de paz y la construcción de la Justicia Especial para la Paz (JEP).

Morny Joy

mjoy@ucalgary.ca

PAUL RICOEUR'S JOURNEY FROM HERMENEUTICS TO ETHICS

In Ricoeur's development of an ethical ontology that is introduced in *Oneself as Another*, a major change occurs. It is human beings who are encountered, rather than texts to be interpreted. This marks a radical change as Ricoeur himself engages with ethics. Yet there have been intimations in his earlier work that indicate a predisposition toward such an outcome. I would suggest that Ricoeur's vital interest in the topic of action, and his continuous expansion and fine-tuning of its meaning, leads him in an ethical direction. Action makes an early appearance in an essay published in English in 1997, “The Phenomenology of Will and Action,” Ricoeur states: “I posit myself as the agent in the intending of the action to be done”. Then, in his later move from Husserlian phenomenology with its primacy of the subject to hermeneutics, Ricoeur focuses on the necessary mediation of texts. He also introduces a text's possibilities, with the aid of imagination, of entertaining new ways of being and acting. Nevertheless, as a self-declared hermeneutic phenomenologist Ricoeur cautions: “We must understand what actions are before ‘we can imitate men in action’”, warning that

there are complex interactions of intention, motive, effort act, consequence, etc. to be assessed. In time, Ricoeur became less enthusiastic about such imaginative possibilities, indicating that there is need of a critical appraisal before any implementation of action. He introduced an additional proviso that: "It belongs to the reader, now an agent, an initiator of action, to chose among the multiple proposals of ethical justice brought forth by reading." This implies that non-narrative components must be seriously considered in any ethical dynamics of an acting subject. This qualification marks the entrance of practical ethics as a crucial element in Ricoeur's work. He admitted: This was the "dynamism that was to tear me out of what I have called my fascination with writing and the becoming-text of discourse and propel me from 'text to action'". It is in a later essay that Ricoeur acknowledges what he views as his earlier failings: "I left unclear the face of impotence owing not only to those infirmities of every sort that may affect the human body as the organ of action but also the interference of outside powers capable of diminishing, hindering, or preventing our use of our abilities". He also admitted that while the concepts of poiesis and praxis were given ample attention in his earlier work, those of being acted-upon and suffering were not. This reflection is in keeping with his increasing concern, if not anguish, at the undiminished scale of human suffering in the world. He was deeply affected by this violence, querying: "What shall we do with this fragile being? What shall we do for him or her? We are directed towards a future of being in need of help to survive and grow?" In response to his rhetorical question, Ricoeur has moved beyond action theory to develop an engaged ethical orientation that is responsible for others, especially those in dispossessed and suffering states, without a complete abnegation of one's own identity. In these explorations, the dream of total mediation, as well as the notion of a transparent self has been replaced by a more fragile and chastened notion of human identity. This still allows for forms of human action that promote a teleologically ordered, yet morally qualified, ideal of justice, toward which capable human beings direct their actions for the betterment of life in this world.

Noeli Dutra Rossatto

rossatto.dutra@gmail.com

O RESPEITO NA ÉTICA DE PAUL RICOEUR

No artigo *Simpatia e respeito*, Ricoeur delimita o campo da ética da segunda pessoa aos sentimentos de simpatia e de respeito. Mais tarde, em *O si-mesmo como um outro*, o esquema será modificado com a introdução da amizade (*philia*) e da solicitude em lugar da simpatia; no entanto, o respeito será conservado como categoria moral. Cabe perguntar então: por que Ricoeur substitui a simpatia pela solicitude? E até que ponto ele conserva o sentimento de

respeito na acepção kantiana? Sugerimos três alternativas de resposta. A primeira é que, apesar de a simpatia ser substituída pela amizade-solicitude, se mantém a mesma estrutura dialética em que um dos polos é ocupado pelo respeito. A segunda, entendido agora como respeito mútuo, deixa de designar ambigualmente a primeira e a terceira pessoas, passando a indicar tão somente a segunda pessoa moral. A terceira é que, apesar da atribuição de sentimentos como a simpatia, a amizade e a solicitude na designação da segunda pessoa da ética, uma mesma estrutura dialógica se mantém intacta: em qualquer caso, a solicitude, tal como antes a simpatia, equivale à face afetiva do respeito; e o respeito será a solicitude transposta para o plano abstrato das regras morais.

Patricio Mena Malet

patriciomenam@gmail.com

EL HOMBRE ATENCIONAL. UNA APROXIMACIÓN FENOMENOLÓGICA A LA ATENCIÓN COMO EXPERIENCIA PRIMORDIAL DE LA SOLICITUD

El presente trabajo quisiera examinar cómo se deja describir la solicitud –que es considerada por Ricoeur en su pequeña ética de Sí-mismo como otro– en tanto que fenómeno y cómo la atención, tal como ha sido comprendida por Ricoeur desde 1941 en adelante, es una experiencia primordial de la solicitud. Para ello, se intentará describir aquellas estructuras propias de la atención (la prospección, la disponibilidad, etc.) que posibilitan a nuestro juicio el despliegue de la solicitud como cuidado del otro. De esta manera, se propondrá que antes de buscar una continuidad entre el hombre atencional y el hombre capaz, es preciso indicar que la atencionalidad es constitutiva de las capacidades, sin que sea ella misma una capacidad más entre otras, y que constituye en sus fundamentos a la solicitud.

Paula Renata Lucas Collares Ramis

paulacollares123@hotmail.com

LEMBRAR, REINVENTAR E NARRAR EM O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA: UMA LEITURA À LUZ DOS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur, em Tempo e Narrativa, desenvolve uma leitura de três grandes romances: Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf, A montanha mágica, de Thomas Mann e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. Apesar das diferenças entre esses romances, o filósofo afirma que os três “são fábulas sobre o tempo, na medida em que a própria experiência do tempo que constitui o cerne de suas transformações estruturais”. Em O arquipélago da insónia, romance do português António Lobo Antunes, a temporalidade é elemento

estruturante do discurso romanesco que se coloca, principalmente, na recuperação da imagem da antiga casa que se impõe como núcleo inicial das reminiscências. Sem dúvida, pode-se considerar que os romances de António Lobo Antunes também são “fábulas sobre o tempo”, tanto por sua estrutura narrativa ao construir blocos de lembranças e por tratar da memória como uma de suas obsessões temáticas. Considerando que a personagem antuniana experimenta viver em outro espaço que já não é mais o “real” vivido na infância, mas uma realidade evocada pela linguagem, quer dizer, vivendo em um mundo possível, pretende-se analisar as modalizações dessa figura ficcional, principalmente, buscando perceber como ela rearticula o passado através da memória da infância e diante da eminência da morte. Para sustentar essa tese, será essencial problematizar o romance a partir de um diálogo com Paul Ricoeur em Tempo e narrativa e em A memória, a história, o esquecimento. Também, os pressupostos de Paul Ricoeur, em O si-mesmo como um outro, a fim de entender a constituição do sujeito dividido na narração.

Paulo Gilberto Gubert

frpaulogubert@yahoo.com.br

O PERDÃO DIFÍCIL: RICŒUR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE VINGANÇA, JUSTIÇA E RECONHECIMENTO

O objetivo do texto é demonstrar a inter-relação entre os conceitos de vingança, de justiça e de reconhecimento e investigar de que forma o perdão pode significar uma resposta aos conflitos éticos e políticos, na filosofia de Ricœur. Para tanto, nosso ponto de partida assenta-se na questão da vingança, que, nos escritos do filósofo francês, está relacionada à falta – ou à ausência – de justiça. Nesse contexto, a vingança se retroalimenta por meio de um “círculo” que, por sua vez, pode desencadear a violência. Primeiramente, o autor analisa a questão por um viés jurídico, apresentando a justiça como um “antídoto” para a vingança. Em segundo lugar, nos seus textos tardios, ele entende ser possível oferecer uma resposta ao problema da vingança que não se circunscreva meramente ao “justo”. Trata-se da questão do reconhecimento por meio do perdão; muito embora, em uma sociedade cada vez mais plural e complexa, os preconceitos e a violência pareçam constituir o triunfo do círculo da vingança. Diante disso, salientamos, com o autor, que as experiências de perdão não são impossíveis, mas difíceis e raras. Consequentemente, elas podem ser entendidas como tréguas, melhorias, ou ainda, como clareiras que, se não cessam com os conflitos, ao menos não permitem que a vingança e a violência tenham a última palavra.

Philippe Lacour

philo@philippelacour.net

## EN QUEL SENS L'ÉTHIQUE DE RICŒUR EST-ELLE HERMÉNEUTIQUE?

J'aimerais ici présenter les dimensions logiques de la définition que Ricœur donne de la discursivité. Ce point est essentiel pour comprendre non seulement ce que désigne chez lui l'herméneutique, mais aussi pour saisir la pertinence de ce concept pour l'ensemble de sa philosophie pratique, notamment son éthique. Ricœur développe sa théorie du discours après avoir fait subir une inflexion sémiologique à ses premiers travaux phénoménologiques. Le discours n'est pas réduit à la communication immédiate (dialogue), même s'il commence avec elle. Véritable principe de l'historicité discursive, le texte joue un rôle fondamental dans la constitution de cette théorie, en tant qu'il est considéré comme modèle de la distanciation. Ricœur distingue plusieurs niveaux de signification (le mot, la phrase, le texte, la culture) et différencie trois dimensions discursives, irréductibles les unes aux autres : la rhétorique, la poétique et l'herméneutique. Je m'efforcerai de préciser tout particulièrement le rôle et les modalités de cette dernière dimension par rapport aux deux autres. Je conclurai en montrant le rôle de la réflexivité dans l'unification analogique de la discursivité, et le réinvestissement de cette théorie du discours dans l'éthique.

Reges Schwaab

reges.ts@gmail.com

### O RECONHECIMENTO NO HORIZONTE DO NARRAR JORNALÍSTICO

Na esteira da problemática do reconhecimento, o apelo do rosto como o que resta do encontro, pela ruptura que traz, exige compreender a narrativa para além de uma simples modalidade textual ou de uma técnica. O presente trabalho busca debater interfaces da narrativa jornalística e a dimensão primeira do trabalho de um repórter como devedoras da permanente evidência do Outro, traço essencial da comunicação. O Outro sintetiza um convite inquietante ao fim da distância, em que pese estar, ao mesmo tempo, constituindo um limite à aproximação. O reconhecimento é fundador da sociabilidade e interpela nossa experiência. Decorre como processo reflexivo pois é de caráter recíproco. O olhar e a palavra se entrecruzam para a ação do relato, projetando os reflexos do tempo e do mundo vivido. Sendo a abertura relacional própria do humano, todavia, não deve jamais ser permitido ao jornalismo negá-la. A grande forma de narrar está no apelo do rosto, aquilo que resta e tem capacidade de interromper o curso em direção ao diferente, o que abre a possibilidade do possível. Para Paul Ricoeur, a reciprocidade do reconhecimento é a exigência ética mais profunda. Em Emmanuel Lévinas, o princípio ético absoluto é o cuidado com o outro, que advém de uma responsabilidade incondicional e infinita como estrutura fundamental da subjetividade. A motivação deste texto considera que uma

produção narrativa advinda dos cacos e das migalhas, pela “significação do insignificante”, se transveste em potência para o tensionamento pretendido e que busca, como encaminhamento conceitual, localizar a noção de reconhecimento como fundadora para a reportagem jornalística.

Regiano Bregalda

regiano\_bregalda@hotmail.com

#### DA NARRATIVA À ÉTICA: IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO RICOEURIANO À FORMAÇÃO HUMANA

A presente texto retoma da obra *Soi-même comme un autre*, de Paul Ricoeur, os conceitos de hermenêutica de si e visada ética e busca refleti-los a partir da perspectiva da formação humana e de seu vínculo com os processos educativos. Desse modo, o problema encontra-se em saber em que medida tais conceitos contribuem para pensar uma noção de formação humana alargada, capaz de compreender o sujeito em sua integralidade e, dado isso, que desafios apresentam aos processos educativos. A hipótese repousa no entendimento de que, na ligação entre a hermenêutica de si (ancorada na ideia de narrativa) e visada ética, encontra-se uma ideia de formação humana que auxilia os sujeitos a fazerem a leitura de mundo, orientarem o seu agir, atribuir sentido à existência e, acima de tudo, tornarem-se conhecedores de si-mesmo. Isso é possível de ser encontrado na obra delimitada de Ricoeur em razão de que pelo ato de narrar, o sujeito narra-se, compreende-se no narrado, atribui sentido ao seu existir, torna-se consciente e responsável por si-mesmo e por aquilo que lhe acontece. A metodologia que orienta a pesquisa é bibliográfica e guia-se por um procedimento analítico-reconstrutivo e hermenêutico da obra *Soi-même comme un autre* e de comentadores acerca do autor e do tema. Para justificar esse intuito, essa pesquisa é dividida em três eixos: no primeiro, busca-se recuperar a perspectiva hermenêutica do si, que, para Ricoeur, constitui a identidade narrativa e permite ao sujeito significar a sua vida no espelho das palavras; no segundo, aprofunda-se a perspectiva ética ricoeuriana desdobrada na súplica viver bem com e para o outro em instituições justas e a sua estreita relação com a narrativa e, por fim, no último, busca-se extrair desses conceitos indicativos para pensar a formação humana e os processos educativos.

René Dentz

dentz@hotmail.com

#### L'INCONSCIENT COMME INTERFACE ENTRE LA PSYCHOANALYSE ET LA PHÉNOMÉNOLOGIE CHEZ RICOEUR

Un élément important dans la réflexion sur la psychanalyse chez Ricoeur est l'introduction du narcissisme, dans lequel le cogito ego quitte l'état de son sujet par l'objet du désir. Ricoeur, se référant aux écrits de Freud, note que le narcissisme des hommes a subi des humiliations graves par la science, qui ajoute la contribution de la psychanalyse dans ce sens, alors, est-il de révéler que « l'ego est pas maître dans sa propre maison ». Franco met l'accent sur la conclusion de Ricoeur: « narcissisme empêche notre vision que nous ne savons rien sur nous-mêmes et nous ne sommes pas maîtres de notre propre psyché. »; Considérons en outre que la psychanalyse estime que la similitude entre le conscient et l'inconscient, à partir de laquelle se pose la possibilité de transformation des pensées inconscientes de la pensée consciente; cette perspective, la conscience immédiate est fautive, mais la deuxième et authentique prise de conscience devient possible. Selon Ricoeur, est recherché dans le monde contemporain une philosophie du langage suffisamment complète pour expliquer les multiples fonctions de la signification humaine et de leurs relations. L'unité de l'exposé est le problème, compte tenu de la diversité des usages de la langue, comme les mathématiques, la physique et de l'art. Il en résulte la nécessité d'explorer les liens entre les disciplines qui étudient la langue. Sur la base de cette approche, il souligne la nécessité pour la psychanalyse prise professionnelle part au vaste débat sur le sujet. Ricoeur considère la psychanalyse de l'écriture de l'œuvre de Freud, en insistant sur sa valeur, non seulement dans le renouvellement de la psychiatrie, mais aussi la réinterprétation de toutes les productions psychiques liées à la culture, à la religion, à la morale. Ainsi, la psychanalyse donne la condition d'appartenance à la culture moderne, parce qu'elle interprète et donc des changements. L'analyse de l'œuvre de Ricoeur de Freud voit dans la psychanalyse approche une dualité de la parole. Au lieu de considérer une analyse de l'être humain seulement en termes de force ou de direction, comme dans la perspective freudienne, il prend comme une herméneutique qui inclut les sens, mais aussi une énergie qui explique les forces en jeu dans la psyché humaine. La psychanalyse est donc à la fois comme une explication des phénomènes psychiques au moyen d'un conflit de forces comme une lecture de la signification latente qui va au-delà du sens apparent. Sa thèse est qu'il n'y a pas d'ambiguïté, mais ce discours mixte est la raison même de la psychanalyse, ce qui représente sa manière de comprendre le phénomène psychique. Ricoeur est les écrits métapsychologiques d'équilibre Freud entre les deux langues: le sens qui exige une interprétation et d'actualité. Conscient, pré-conscient et l'inconscient sont organisées dans l'appel de la première topique de Freud et d'autre part, la direction apparaît dans la relation entre l'instinct et la représentation. Ricoeur évoque Husserl époque pour afficher votre position sur la prise de conscience du, point crucial inconscient dans l'approche à la liberté, comme nous l'avons dit. Ceci est une époque en arrière, qui reconnaît le lecteur

comme un concept fondamental dans le système psychique. Grâce à cette approche, d'abord, laissera-considérer le «objet» la conscience comme une ligne directrice, le remplaçant par le «objectif» du lecteur. Deuxièmement, il laissera à prendre le «sujet» pour le centre, sur la base de laquelle se pose «objets». Cela signifie donner la question «sujet-objet» dans son état troublé de la conscience. Ainsi, puisque le but de 'entraînement exige la satisfaction, votre objet prend la condition de ce qui peut fournir la gamme des objectifs fonctionnels, la mise en place de la primauté de 'objectif de 'objet. 'inconscient est vu dans la perspective freudienne, comme quelque chose qui est connaissable lorsqu'ils sont traduits dans 'état de conscience, qui est rendu possible par le travail psychanalytique. Ricoeur se réfère, ensuite, au point où les questions de forcé et de sens coïncident, où le lecteur se déroule dans une présentation mentale; quelque chose de psychique doit conduire la qualité de puissance à son tour avant toute idée de quelque chose qui est représenté. Selon son évaluation, Freud fait le transfert original à 'inconscient lui-même le point de coïncidence du sens et de la force. Tout en reconnaissant la séparation de ces systèmes, il permet un cadre commun par lequel conscient et inconscient sont aussi psychique. Il est cette structure qui permet à «interpoler» actes inconscients dans le texte des actes conscients. Réflexion placé sur la relation consciente-inconsciente reflète en quelque sorte le ricoeuriano questionnement phénoménologique fond : Comment dois-je repenser et refaire le concept de conscience, de sorte que 'inconscient peut être votre autre, donc, je veux dire, que la conscience est capable de cet autre que nous appelons ici inconscient?

Rita de Cássia Oliveira

rcoliveira30@yahoo.com.br

A PEQUENA ÉTICA DE RICOEUR E A SUA INTERPRETAÇÃO NO POEMA O GUESA, DE SOUSÂNDRADE

É no plano da intenção ética que Ricoeur concebe a Ética por partir da convicção da existência de uma “vida melhor” como resultado do “bom agir”, o que faz a Ética ser definida como “a 'vida bom' com e para o outro em instituições justas”. Assim, a Ética visa o “bem pensar”, o “bem viver” e o “bem agir”. Portanto, a intenção da “vida boa” serve de guia para o direcionamento da vida ética sendo também o fim último da sua ação, o que a faz constituir-se como primeiro momento da Ética, que é designada como aquilo considerado bom por um sujeito ou uma comunidade, ligando-se à singularidade das pessoas e das comunidades históricas. Parto desses pressupostos presentes na Petite Éthique de Ricoeur, para identificar na ficção do poema O Guesa, de Sousândrade, precisamente no discurso das personagens apontamentos como carregados de conotação moral acerca dos seus sentires, das suas projeções de fragmentos do passado recriado

sobre o presente, do peso desse passado nesse presente sem perspectiva. Assim, Sousândrade emprega imagens antitéticas para fazer ressaltar a radical oposição existente entre, o que ele acredita ser, a bondade dos povos autóctones e a maldade do invasor, emergindo a dicotomia Bem e Mal como duas posições morais conforme um julgamento ético. A sua poesia assume uma posição denunciadora, reformadora e polêmica ao corporificar essa visão antitética explorando um rígido esquema de comportamento que tentava caracterizar o contato inte-étnico: de uma parte os povos autóctones, sempre com boa disposição e amizade para com o estrangeiro, e de outra, esses últimos, que retribuía com traição a tal hospitalidade, aproveitando da benevolência dos indígenas para sujeitá-los ou ainda para exterminá-los, agindo em contraposição a todas as leis naturais. Os versos estão imbuídos de valores morais. A narrativa poética de Sousândrade tem profundas implicações éticas ao contextualizar e orientar a identidade narrativa do leitor para a sua função essencial de capacitação de ser um agente humano para a responsabilidade.

Roberto Roque Lauxen

rrlauxen@gmail.com

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO BRASILEIRA DA BIOGRAFIA INTELLECTUAL “PAUL RICOEUR: OS SENTIDOS DE UMA VIDA (1913-2005)” DE FRANÇOIS DOSSE

Nossa proposta é apresentar a tradução portuguesa da biografia intelectual “Paul Ricoeur: os sentidos de uma vida (1913-2005)”, de François Dosse. Procuramos fazer uma menção aos tradutores que participaram da tradução, comentar alguns aspectos técnicos da tradução destacando a especificidade da edição de 2005 e a importância desta biografia. Em seguida, apresentamos um panorama geral da obra: a subdivisão dos capítulos, a dimensão metodológica da pesquisa de François Dosse, e nossa própria apreciação através aspectos biográficos e intelectuais do homem, do filósofo e do crente em suas dimensões tópicas.

Vânia da Silva Schütz

schutz.vania@gmail.com

A HERMENÊUTICA DE RICOEUR E A SENTENÇA JUDICIAL

Desde a instauração do processo judicial até a prolação da sentença pelo juiz, ocorrem múltiplas interpretações. Considerando que o processo judicial é formado por textos escritos e examinando o fenômeno processual sob a lente ricoeuriana, tem-se toda uma problemática na forma como o processo é conduzido e obtido o seu resultado (aqui considerado como a prolação de sentença), no que tange às interpretações ali feitas. O principal intérprete no

processo judicial é o juiz. É ele quem diz o direito com o intuito de distribuir a justiça. Nos conflitos levados ao judiciário são feitos pedidos escritos e juntados documentos escritos. Ainda que existam falas e gestos, são estas transformadas em textos. Tais textos serão primeiramente analisados pelo juiz que terá a missão de prolatar uma sentença decidindo o caso concreto. Surge, então, a problemática da interpretação no processo judicial. Se, para Ricoeur, pela leitura o texto se liberta do autor e passa a ter a sua própria autonomia, abrindo um conjunto de referências, de que mecanismos se utiliza o juiz ao prolatar a sentença se na interpretação o “diálogo” com o autor do texto é rompido e o texto se torna universal a quem quer que saiba ler? Para pensar sobre essa problemática interpretativa propõem-se alguns vetores, dentre eles: o exame sobre ser ou não o processo judicial uma forma de diálogo, considerando diálogo a comunicação entre duas pessoas e que para Ricoeur um texto escrito é uma forma de discurso diferente da comunicação oral; quais os efeitos da conversão dos depoimentos falados em texto escrito, uma vez que conforme preceitua Ricoeur, ao passar o depoimento da fala para a escrita, o texto não coincide mais com aquilo que o locutor quis dizer, além de desaparecerem os gestos, as emoções, as expressões e os sentimentos colocados na fala, elementos com os quais as pessoas dão sentido e força ao que querem dizer. Então, se, por um lado, nos dizeres de Ricoeur, o conceito de justiça constitui uma ideia reguladora que preside uma prática social, isto é, a da justiça enquanto mecanismo institucional do Estado, por outro lado, a solução de conflitos é de fato uma atividade comunicativa que tem o juiz como intérprete, devendo como tal ser analisada.

Vinicius Oliveira Sanfelice

sanfelice.vinicius@gmail.com

LA MÉTAPHORE ET LA POSSIBILITÉ D'UN TROISIÈME DISCOURS

Ce travail investigate la position compréhensive de Paul Ricoeur dans la recherche d'une articulation entre le discours philosophique et le discours scientifique. idée que la science est une «vision de monde» irréversible, mais qui ne se réduit pas à la vérification hypothèses le conduit à proposer un troisième discours (mixte). Il suggère aussi que le discours scientifique et le discours poétique aient en commun une dimension référentielle de premier ordre qui est modifiée par redescription métaphorique (sa fonction heuristique est comparée à celle des modèles scientifiques). Une comparaison entre Ricoeur et le jeune Nietzsche peut nous aider à éclaircir cette vision de langage et de science. Ils partagent une intuition de langage métaphorique et le soupçon que notre vision de science fréquemment résulte en réalisme naïf. Une approche herméneutique peut se bénéficier des approches que la philosophie de Nietzsche a reçu. La recherche d'un discours philosophique cohérente – surtout face aux

interprétations postmodernes – est devenue un problème pour toutes les deux. À son tour, des notions telles que la référence métaphorique et la vérité métaphorique deviennent nécessaires pour qu'on comprenne la dynamique entre les discours comme exposé par Ricoeur. J'investigue aussi la relation entre la science et la poésie comme pensée par Ricoeur: deux utilisations opposées et nécessaires de la langue sur les risques de la polysémie. Son affirmation de l'irréductibilité du langage commun à la formalisation et de que la fonction poétique du langage préserverait le discours scientifique du « fanatisme du manipulable». Je soutiens qu'un «discours mixte» trouve dans l'expression métaphorique une aide herméneutique qui permet de préserver la critique à la science et en même temps d'éviter un scepticisme fort la concernant. Je défends une compatibilité entre critique et conviction, et que l'herméneutique du soupçon doit être incorporée à la réflexion sur le discours scientifique et sur le discours philosophique. Cette incorporation peut révéler un paradoxe semblable à celui que Ricoeur a trouvé dans la défense du caractère tensionnel entre vérité littérale et vérité métaphorique. Une réponse au paradoxe par la voie négative n'est pas une solution. D'autre part, l'application d'un indice critique au «comme si» fictionnel permettrait la prise en compte de la violence de l'interprétation – il faudrait accepter l'invitation que le poétique nous fait en renonçant à la naïveté ontologique du «comme si».

Vítor Hugo dos Reis Costa e Noeli Dutra Rossatto  
victordafilosofia@gmail.com

#### O ROMANCE E A IDENTIDADE NARRATIVA: KUNDERA NO LABORATÓRIO DE RICOEUR

Trata-se de investigar aproximações entre as concepções de romance, de identidade pessoal e dos destinos das narrativas no contexto do pensamento do filósofo Paul Ricoeur e do romancista Milan Kundera. Pensando a partir das obras filosóficas, *Tempo e Narrativa* e *O Si-Mesmo Como um Outro*, do filósofo francês e do romance, *A Imortalidade*, do romancista tcheco, deseja-se, inicialmente, comparar as concepções dos dois autores acerca da constituição da arte do romance. Em seguida, serão debatidas as concepções de ambos acerca da problemática da identidade pessoal através do escrutínio da prosa romanesca de Kundera mediante utilização dos conceitos da hermenêutica do si e de sua teoria da narração. Também serão apresentadas as ideias de Ricoeur e Kundera sobre a dramaticidade da existência humana e do recurso possível que a ação e o pensamento moral podem realizar mediante incursão na sabedoria romanesca no que esta tem a ensinar, tal qual um laboratório filosófico, ao agir humano. Finalmente, serão apresentadas as considerações dos dois pensadores acerca de

suas preocupações relativas aos destinos da prática da narração em geral e da arte romanesca em específico.

Walter Salles

waltersalles04@gmail.com

AS ESFERAS DA JUSTIÇA E A LÓGICA DO PERDÃO

Meu objetivo é refletir sobre a lógica do perdão como manifestação da justiça. Em particular, pretendo aprofundar a ideia de Paul Ricoeur no tocante ao perdão que se distânciava tanto do esquecimento quanto da vingança. Pretendo, igualmente, refletir sobre o papel da Tradição cristã nas leis e na política a partir da perspectiva da justiça. Esse debate tem por pressuposto fundamental que a ideia de reabilitação do ser humano capaz de ser bom e justo está presente na lógica do perdão, tanto na esfera da justiça quanto no campo religioso. No tocante ao método, trata-se de realizar uma investigação descritiva e interpretativa com base em um estudo de cunho bibliográfico. Como resultado esperado, visio contribuir com o debate em torno do lugar do discurso religioso em nossa contemporânea sociedade secular a partir das reflexões de Ricoeur em torno do tema da justiça.

Weiny César Freitas Pinto

weiny.freitas@ufms.br

SOBRE O FREUDISMO FILOSÓFICO DE RICOEUR NO CONTEXTO DA RECEPÇÃO FILOSÓFICA FRANCESA DA PSICANÁLISE

Apesar do crescente número de pesquisas que investigam as diversas relações da obra ricoeuriana com a psicanálise ainda é preciso maior aprofundamento acerca das consequências filosóficas gerais (externas à obra de Ricoeur) e específicas (internas à obra ricoeuriana) que se depreendem dessas relações. Pretendo, nesta comunicação, mostrar como é possível, ao inserir a interpretação de Ricoeur sobre Freud em certa tradição de recepção filosófica francesa da psicanálise, extrair uma consequência filosófica geral – isto é, externa à obra ricoeuriana –, de significativa importância para o campo de pesquisa da assim chamada “filosofia da psicanálise”. Minha hipótese é a de que, do ponto de vista estrito de uma história da recepção filosófica francesa da psicanálise, o “freudismo filosófico” ricoeuriano desenvolvido em *De l’interprétation. Essai sur Freud* representa, ao mesmo tempo, a plenitude e o declínio do modo como a filosofia francesa vinha, até então, concebendo sua interlocução com a invenção freudiana. Com efeito, desde a década de vinte, com Politzer, passando por Dalbiez, Sartre, Hyppolite, e outros, constituiu-se na França uma recepção filosófica da psicanálise cujo amparo fundamental baseou-se no lema de “interpretar filosoficamente” Freud e a sua obra. Nós sabemos bem que, com Ricoeur, particularmente no livro III de

De l'intepretation – Dialética: uma interpretação filosófica de Freud, esse lema é levado às últimas consequências; por outro lado, e é a este aspecto que que eu gostaria de chamar a atenção, o livro II do Ensaio ricoeuriano, Analítica: leitura de Freud – livro, com frequência subestimado –, representa, a meu ver, o declínio da “interpretação filosófica” como método de recepção da psicanálise, e inaugura um novo lema de interlolução entre filosofia e psicanálise, o da “leitura de Freud”. Nesse contexto, em que consiste a distinção entre “interpretação” e “leitura”? Quais as consequências de uma atitude e outra para uma história da recepção filosófica da psicanálise? É em torno a essas questões que a comunicação que se dará.

William Bezerra Figueiredo

arteveiculo@gmail.com

CIKSUYA, CANTAR E REMONTAR: METÁFORAS E MEMÓRIA NA SABEDORIA NATIVA

A memória é um dos temas centrais de Paul Ricoeur. A partir do testemunho de uma anciã Lakota, suscitamos a observação de como a metáfora se entrelaça nessa trama. As estratégias de lembrança constituem assim mundos e acordos de cooperação dentro das comunidades nativas conduzindo à reflexão sobre o homem capaz de se reconhecer na mutualidade simbólica das trocas narrativas.

Cláudia Aita Tillet

aitadv2@gmail.com

CONFLITO MORAL E SEGUNDA PESSOA EM PAUL RICOEUR

Esta pesquisa tem como pano de fundo a reflexão: como resolver um conflito moral na segunda pessoa? Enquanto que, em correntes filosóficas como o existencialismo encontraríamos a resposta: escolha, invente uma saída em nome da liberdade – tendo em conta, sobretudo, que o agente rejeita todo e qualquer instituído – em Paul Ricoeur, a resposta, em linhas gerais, seria: escolha, invente uma saída, (mas) em nome da “Vida boa, com e para os outros em instituições justas”. Assim, veremos que para dar conta dessas situações de conflito e sofrimento e, igualmente, garantir o reconhecimento do outro em sua singularidade, Paul Ricoeur indica a sabedoria prática, que consiste em não deixar interromper em momento algum o livre fluxo dialético que deve transpassar, do início ao fim, a ética e a moralidade, “[...] o agente moral autônomo inventa um comportamento adequado à singularidade de cada caso, de cada situação existencial, de cada contexto de ação.” E além da sabedoria prática, o filósofo francês indicará que devemos considerar como dialeticamente

complementares os movimentos do outro para o si-mesmo e do si-mesmo para o outro.